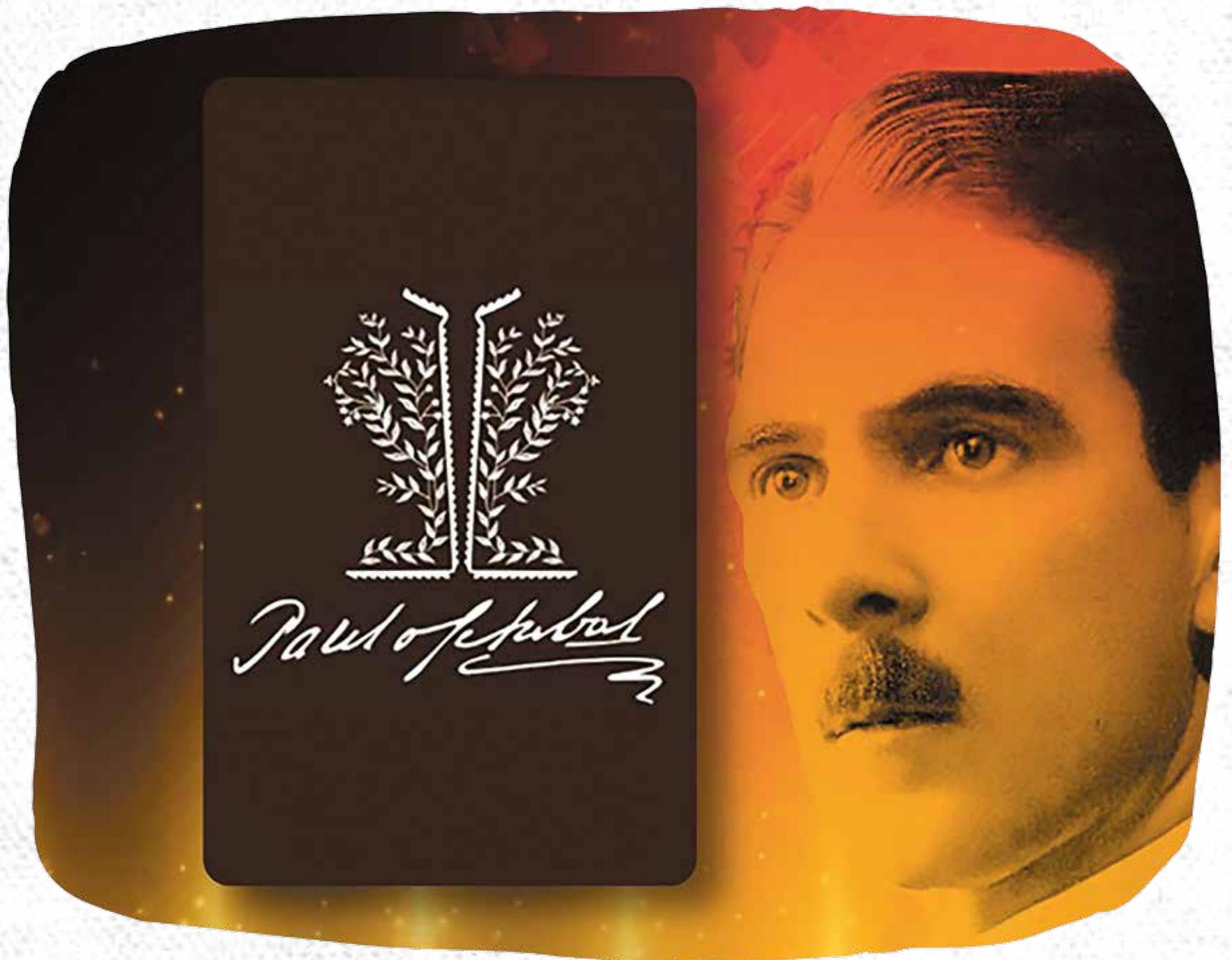


83ª Semana Paulo Setúbal

(1943-2025)

23º Prêmio Literário Paulo Setúbal
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS
(Abrangência nacional)
1º Volume



modalidade **CONTOS**

1º LUGAR - HILDA DAS GRAÇAS DE OLIVEIRA CURCIO - Obra: "ROUBARAM TODAS AS MINHAS CAMISOLAS" - Brasília / DF - Premiação R\$ 3.500,00
2º LUGAR - HENRIQUE MORIC VILELA MARIANO - Obra: "PAZ" - São José dos Campos / SP - Premiação R\$ 2.500,00
3º LUGAR - FRANK RIIJKAARD DA SILVA CANUTO - Obra: "ELA" - Brasília / DF - Premiação R\$ 1.500,00

PRÊMIO GALARDÃO (por ordem alfabética)

ANDRÉ BUENO KAIRES - Obra: "ENCONTRO"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00
GUILHERME HENRIQUE TORRES BARBOSA - Obra: "O CÃO MENSAGEIRO"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00
ODIMAR JUSTINO MARTINS - Obra: "CADERNOS DE RECORDAÇÕES"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00

modalidade **CRÔNICAS**

1º LUGAR - RAFAEL ABNER SANTOS - Obra: "DIA DE CLÁSSICO" - Florianópolis / SC - Premiação R\$ 3.500,00
2º LUGAR - ROBSON CASTRO VIANNA - Obra: "PONTO E VÍRGULA" - Itu / SP - Premiação R\$ 2.500,00
3º LUGAR - ANGEL CESAR DOS SANTOS - Obra: "AULA DE HISTÓRIA" - Rio de Janeiro / RJ - Premiação R\$ 1.500,00

PRÊMIO GALARDÃO (por ordem alfabética)

ANDRÉ BUENO KAIRES - Obra: "CORREDOR"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00
ODIMAR JUSTINO MARTINS PROENÇA - Obra: "IMORTAL"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00
RENATO JOSÉ DE ALMEIDA - Obra: "VISITA A PAULO SETÚBAL"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00

modalidade **POESIAS**

1º LUGAR - VALDIR SOARES FERNANDO - Obra: "O BRASIL QUE MORA NO MEU NOME" - Jaboatão dos Guararapes / PE - Premiação R\$ 3.500,00
2º LUGAR - ANDRÉ LUIZ DIAS PINTO - Obra: "LUA NEGRA" - Cavalcante / GO - Premiação R\$ 2.500,00
3º LUGAR - ROGER LUIZ JERÔNIMO - Obra: "CORPOS ESQUECIDOS" - Bauru / SP - Premiação R\$ 1.500,00

PRÊMIO GALARDÃO (por ordem alfabética)

ANDRÉ BUENO KAIRES - Obra: "UTOPIA"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00
ELAINE CRISTINA COELHO RODRIGUES - Obra: "TATUHY"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00
RIAN ALMEIDA BARROS - Obra: "MEMÓRIA IMORTAL"
 Tatuí / SP - Premiação R\$ 1.500,00

*Prêmio Galardão - destina-se única e exclusivamente a obra de autor(a) nascido(a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí.

EDITAIS DO MUSEU HISTÓRICO PAULO SETÚBAL

01/2025 - Prêmio Literário Paulo Setúbal "Contos, Crônicas e Poesias", de abrangência Nacional

O Prêmio Literário "Paulo Setúbal" recebeu inscrições no período de 7 de março a 16 de abril, consolidando-se como um dos certames literários de maior abrangência nacional. Foram registradas 1.504 inscrições, oriundas dos 26 Estados brasileiros e do Distrito Federal, representando um total de 331 cidades.

A divisão por categorias ficou assim distribuída:

- Poesia: 603 inscrições (40,1%)
- Crônica: 336 inscrições (22,3%)
- Conto: 565 inscrições (37,6%)

Destaca-se ainda a expressiva participação local: 62 inscrições (4,1% do total) são de autores residentes em Tatuí.



Os troféus do Prêmio Literário Paulo Setúbal, criados em 2019, são feitos em latão polido (ouro) para os contemplados em 1º lugar, os troféus do 2º lugar recebem o troféu em alumínio polido (prata) e o terceiro lugar, em latão patinado de castanho (bronze), todos personalizados com base de granito e plaqueta em latão com o nome dos vencedores gradados.

5º FESTIVAL DE ARTE E CULTURA RECEBE INSCRIÇÕES E HOMENAGEIA O CURURUEIRO JOSÉ PINTO DE MORAES

O 5º Festival de Arte e Cultura de Tatuí tem por finalidade selecionar e premiar propostas artísticas e culturais, nas mais diversas linguagens, para apresentação presencial ou com finalidade de exibição em plataformas digitais que podem ocorrer no período de agosto a dezembro de 2025 no Museu Histórico "Paulo Setúbal".

O Festival Arte e Cultura recebeu o nome do "Mestre Canturião José Pinto de Moraes", homenagem do Museu ao grande ícone da música de tradição e raiz de nossa cidade.

O Edital de Cultura recebeu 79 inscrições e selecionou 31 propostas de apresentações das mais variadas linguagens artístico-culturais, na qual cada uma receberá o valor de R\$ 2.000, totalizando R\$ 60 mil. Os contemplados participaram de reunião no Complexo Cultural de Tatuí, que abrange o Museu da Imagem e do Som - MIS Tatuí "Jornalista Renato Ferreira de Camargo" e o Memorial do Rugby 1928 "Dr. Gualter Nunes", instalado no antigo Matadouro Municipal, situado na Av. Domingos Bassi, esquina com a Av. João Batista Correia Campos (Marginal do Manduca), equipamento de memória administrado pelo Museu "Paulo Setúbal".

PROJETOS SELECIONADOS POR ORDEM ALFABÉTICA DE PROPONENTE

INSCRIÇÃO	NOME DO PROPONENTE	CADASTRO CULTURA	NOME DO PROJETO	SITUAÇÃO
02.FAC.MHPS25.053	ADEILDO DA SILVA RODRIGUES JUNIOR	2023.01.0620	CIDADE EM CANTO	CLASSIFICADO (ARTE URBANA)
02.FAC.MHPS25.058	AMANDA CANAN CAMPOS	2024.01.0682	MULHERES DO SAMBA - O SAMBA BANTO DAS RAINHAS	CLASSIFICADO (MÉRITO DE NOTA)
02.FAC.MHPS25.064	ANDERSON DE SOUZA BARROS	2023.01.0521	RETRATOS VIVOS: HISTÓRIAS DE TATUÍ	CLASSIFICADO (MÉRITO DE NOTA)
02.FAC.MHPS25.047	CLAUDIO ROBERTO TELES	2020.01.0039	TEATRO PARA EDUCADORES RAIZES EM CENA	CLASSIFICADO (TEATRO)
02.FAC.MHPS25.078	DAIANE DE SOUZA DE OLIVEIRA	2023.01.0575	ENCANTO EM MOVIMENTO	CLASSIFICADO (DANÇA)
02.FAC.MHPS25.039	DIEGO WILIAN DO NASCIMENTO RAMOS	2021.01.0325	PROSPECT STREET ART	CLASSIFICADO (ARTE URBANA)
02.FAC.MHPS25.031	ELAINE CRISTINA COELHO RODRIGUES	2024.01.0714	FANDANGOS DE SÃO JOÃO NA TATUÍ TROPEIRA	CLASSIFICADO (DANÇA)
02.FAC.MHPS25.079	ELIAS NATANAEL ALEIXO	2023.01.0525	PEQUENOS CRIADORES: OFICINA DE ARTE E IMAGINAÇÃO PARA CRIANÇAS	CLASSIFICADO (ARTES VISUAIS)
02.FAC.MHPS25.065	EMERSON HENRIQUE DIAS PONTES	2020.01.0061	EXPOSIÇÃO "O HIP HOP NA CAPITAL DA MÚSICA"	CLASSIFICADO (ARTE URBANA)
02.FAC.MHPS25.072	ERNANDES RIBEIRO JUSTINO	2020.01.0065	ATELIÊ PEDAGÓGICO	CLASSIFICADO (MÉRITO DE NOTA)
02.FAC.MHPS25.037	FERNANDA QUÉZIA RODRIGUES ALVES	2021.01.0260	PRA ONDE FORAM OS PERSONAGENS?	CLASSIFICADO (LITERATURA)
02.FAC.MHPS25.063	HELEN QUINTANARES SIQUEIRA	2025.01.0001	"VITAL"	CLASSIFICADO (MÚSICA)
02.FAC.MHPS25.048	HÉLIO DE ALMEIDA JUNIOR	2021.01.0338	"PAULO, O MENINO DAS PALAVRAS MÁGICAS"	CLASSIFICADO (AUDIOVISUAL)
02.FAC.MHPS25.057	INGRID STEPHANIE FREIRE QUINTANA	2023.01.0559	ALL BLACK TRIO - PROJETO: O CANTO NEGRO DO AMANHÃ - UMA HOMENAGEM A MILTON NASCIMENTO.	CLASSIFICADO (MÉRITO DE NOTA)
02.FAC.MHPS25.022	JESSÉ JACKSON DE SOUZA RAMOS	2020.01.0094	FESTEJANDO MEMÓRIAS	CLASSIFICADO (TEATRO)
02.FAC.MHPS25.010	JOSUÉ DOMINGUES PEREIRA	2021.01.0265	ENCONTRO DE CURURUEIROS DE TATUÍ	CLASSIFICADO (CULTURA DE TRADIÇÃO E RAIZ)
02.FAC.MHPS25.025	LILIAN DE OLIVEIRA LIMA RITZ	2024.01.0688	PRETO É LINDO: CELEBRANDO IDENTIDADES	CLASSIFICADO (ARTES VISUAIS)
02.FAC.MHPS25.042	LILIANA ROSA DOS REIS	2021.01.0336	RETRATUÍ: A IDENTIDADE E A VOZ DA NOSSA CIDADE!	CLASSIFICADO (ARTES VISUAIS)
02.FAC.MHPS25.011	MAESTRO LUÍS BERNARDO FRÓES TRINDADE	2020.01.0130	VOZES DO AMADEUS: UM RECITAL DE EMOÇÃO E ARTE	CLASSIFICADO (MÚSICA)
02.FAC.MHPS25.023	MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA RAMOS	2023.01.0652	DE PONTA A PONTO: MEMÓRIAS BORDADAS	CLASSIFICADO (MÉRITO DE NOTA)
02.FAC.MHPS25.018	MATEUS ABNER CORRÊA VIEIRA	2020.03.0164	OFICINA DE DANÇA-TEATRO: ESTRATÉGIAS PARA UMA DRAMATURGIA CORPORAL.	CLASSIFICADO (DANÇA)
02.FAC.MHPS25.043	MERLISE MOREIRA SOUSA	2020.01.0168	MEL MOREIRA CANTA ELIS	CLASSIFICADO (MÚSICA)
02.FAC.MHPS25.026	PEDRO DO COUTO	2023.01.0504	O ABRAÇO DA MULHER ARANHA - ESPETÁCULO TEATRAL SOBRE MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADES LGBTQIAPN+	CLASSIFICADO (TEATRO)
02.FAC.MHPS25.077	PRISCILA ASSIS DOS SANTOS	2023.01.0658	OFICINA DE ESCRITA CURATIVA	CLASSIFICADO (LITERATURA)
02.FAC.MHPS25.050	RAUL GALHEGO DA SILVA	2023.01.0451	VOZES DA ARTE EM PALCO: ENCANTOS DA CIDADE TERNURA	CLASSIFICADO (MÉRITO DE NOTA)
02.FAC.MHPS25.032	RONALDO RODRIGUES	2025.01.0008	'NHO JOÃO, O TROPEIRO, E A SERESTA DAS ESTRELAS'	CLASSIFICADO (CULTURA DE TRADIÇÃO E RAIZ)
02.FAC.MHPS25.008	RUBENS VIEIRA DE PAULA	2021.01.0269	CURURU - TRADIÇÃO DE NOSSA TERRA	CLASSIFICADO (CULTURA DE TRADIÇÃO E RAIZ)
02.FAC.MHPS25.013	SIMONE BRITES PAVANELLI	2020.01.0245	CHARANGA PÉ VERMEIO	CLASSIFICADO (CIRCO)
02.FAC.MHPS25.019	TAMIRES FREIRE DE CARVALHO RAMOS	2020.01.0226	PEQUENOS SETÚBALS	CLASSIFICADO (LITERATURA)
02.FAC.MHPS25.007	WILLIAM DE OLIVEIRA LIMA	2021.01.0272	VERSOS EM MOVIMENTO	CLASSIFICADO (AUDIOVISUAL)
02.FAC.MHPS25.069	WILLIAM ROCHA LEMOS	2024.01.0711	O SONHO DE SETÚBAL	CLASSIFICADO (AUDIOVISUAL)

Expediente

Prefeito Municipal
Professor Miguel Lopes Cardoso Júnior

Secretário de Esporte, Cultura, Turismo e Lazer
Douglas Dalmatti Alves de Lima ("Buko")

Secretário-Adjunto de Cultura
Rogério Donisete Leite de Almeida ("Rogério Vianna")

Diretor Estratégico do Departamento de Museus e Memória
Cristiano Guimarães de Camargo

Administradora do Setor de Museus e Memória
Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará

Comissão da 83ª Semana Paulo Setúbal
Alfredo Youssef Saab
Cristiano Guimarães de Camargo
Meire Piscinato de Oliveira
Rogério Donisete Leite de Almeida
Vinicius Severo

Equipe de Museus e Memória
Apolo Garcia
Emilene Vieira Fiuza de Oliveira
Leila Maria Leite Miranda
Luiz Antônio Fernandes Guedes
Marcelo dos Santos
Osias Bispo dos Santos
Pablo Bercero Ruiz

Regiane Domingues Francisco
Rose Mary Raymundo Falchi
Sandra Marisa Cecyn

Montagem do tabloide
Daniele Rodrigues Pereira
Eduardo Tadeu de Paulo Junior
Raissa Ferreira Kirschner
Rogério Donisete Leite de Almeida
Empresa de Comunicação Tatuí Cidade Ternura / jornal O Progresso de Tatuí (diagramação Erivelton de Moraes)

Comissão Julgadora Edital MHPS 01/2025 - do 23º Prêmio Literário Paulo Setúbal
Contos, Crônicas e Poesias (abrangência nacional)
Gávea Empreendimentos Culturais
Comissão de Avaliação Edital MHPS 02/2025 - 5º Festival de Arte e Cultura "Mestre Canturião José Pinto de Moraes" e Edital MHPS 03/2025 - Publicação de Livros
Benemari Sulivam Vieira
Rose Mary Raymundo Falchi
Roseli Aparecida Tureck de Moraes Colina.

NOTA: Todo o conteúdo das obras literárias apresentadas neste tabloide é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. As opiniões, ideias, imagens e textos aqui expressos não refletem, necessariamente, a visão, posicionamento ou juízo de valor da instituição organizadora. Esta publicação tem caráter exclusivamente cultural e visa à divulgação de obras e produções artísticas selecionadas mediante edital público.

MODALIDADE CONTO

1º LUGAR

HILDA DAS GRAÇAS DE OLIVEIRA CURCIO

Brasília (DF)

“ROUBARAM TODAS AS MINHAS CAMISOLAS”

Ambos, edêntulos. Enfermeiros a postos, sem-decisão sobre os sorrisos. Aonde os depositar? Onde.

Não me lembro onde as vi... Roubaram... Se fumasse, com certeza, a essa altura, Luciana estaria com um cigarro entre os dedos, expelindo baforadas nervosas, bravas, cruéis mesmo, de fumaça destruidora da paz; entretanto, Guga ainda era todo seu.

Lá-longe... Nem o ocaso tinha tempo para mim... Em meio a pensamentos... sabia — separação é um crime sem-culpado. Desistiria. Nunca, a culpa. Jamais. Ela o queria mais do que nunca. Deveria esperar. Esperar muito. Era uma sina.

Os afazeres a compunham — roupas em balde, tanque, quaradouro, varal, e as camisolas roubadas. Sem esforço, ela percebia todas as metáforas do mundo. As possíveis. As improváveis. Os homens só querem penetrar as mulheres. Estaria, assim, viva.

Lavava o rosto e, vez em quando, mirava-se no espelho, à espera de o tempo se escoar cano em-dentro, arrancando-lhe as rugas, as cãs, as imprudências todas ora proibidas pela muita idade. A vontade de viver era tanta. Inda ser feliz. E limpar a velhice para abonitar o esqueleto. Alisar-secar o rosto quiçá rejuvenescido. No fundo, por detrás da parede, a paisagem de-fora-ré. A maioria das pessoas vivem dormindo. Morrem sem-jamais terem despertado para qualquer. Isso não importará daqui a dez anos; também, não agora, que roubaram todas as minhas camisolas.

Certamente, fora criada para ser muito infeliz; porém, tentando subtrair essa intensidade — sendo apenas infeliz, e não foi fácil — é também diplomada na manutenção de todos os medos oriundos da infância. O apego é uma das causas da nossa infelicidade, uma

prisão. Malditos todos os portões que não abri.

Nos quefazeres — vida-cebola, amor-cebola, cantar-cebola, pensamento-cebola, viver também-cebola — emudecia, mas sua mente vasculhava todas as gavetas, atrás de qualquer... E jurubeba, carqueja, jiló, guariroba, pimenta, mas, hortelâmente, reagindo. É apenas um desobjeto de-composto, de-formado, de-marcado, destruído — a camisola. Esperando olhares amávicos, sem profundar ao menos a dor da espera, que um dia vigorará — aquietar-se. A cadeira rangia em choro seus sentimentos, balançando as dores. Nenhum canto da casa é mais triste que seu leito sem seu amor. O mundo gira em torno de quem tem vinte-e-cinco anos. Amor verdadeiro, embora atrasado — paliativo para a velhice precocemente invasora — por lembranças de escovarem cúmplices com a mesma escova de dentes. Recordava-se não raro de quando ficavam num banco da pracinha, brincando de descobrir formas nas nuvens. Descobríamos sempre as mesmas, tal era nossa afinidade. Em-pós, coroada de serpentes naquele vestido de noiva. Olhava, absorta, as caixas de presentes vagas, buscando cada camisola perdida. Quantas teriam sido em todos esses anos? Atrás do sofá, sob a cama, na gaveta, detrás do armário... novamente, no varal. Sem prendedores-de-roupa. Não queria perder mais nem-uma-nenhuma camisola. De seda, crepe, algodão, malha ou cetim. Minhas camisolas. Todas. Ao som da gaita masculina “Foi você quem me escolheu/ Pra governar o nosso estado de emoções”¹..., uma a uma lhe voltariam à memória — a verde, a branca, a azul, a florida, a listada, a lilás, a da lua de mel — sim. Teria de volta todas elas. Ninguém mais as arrancaria. Porém. Fitava insistente

jarra ao chão. Talvez vislumbrasse uma fumaça, mágica, porventura... que trouxesse senão uma camisola perdida. Caminha pela casa. A veste lhe traz um estorvo de caminhada. Longa demais.

Tempos passados, tristeza no coração, no olhar, na faltante atitude, nas lágrimas iminentes, no sorriso amargo — comboio arrojado — pelo choro convulsivo e ininterrupto, viagem para a descor, a desesperança. Guga provavelmente a enxergue idêntica. Eram só mais um casal. O abraço masculino e distante vezoutrava num abrigo esquecido da memória insistente desse amor, com a perda obediente. Abre-se a cortina desprotetora.

Viveu rotineiros dias retangulares — mais largos em certos momentos; estreitos, em outros; porém, sempre muito retos. Retroangulares são hoje sonhos e esperanças... E, no vai e vem ininterrupto do trânsito, voava outra camisola usada. A buzina da motocicleta desarmoniza o tráfego. Pneus sonorosos apenas. Mão para fora do carro — camisola a menos. Estupro não prevê camisola. Trágico.

Com a ponta dos dedos tentava, mais uma vez, afastar a velhice espelho em-dentro. O que será que aquela ruga-de-expressão também sonora lhe imprimiu? Era o casal. Embora a disponibilidade de um não se coadunasse com a do outro. Desencontro. Coadjuvantes de suas histórias. Mas, como julgar, se tudo já é passado? Minha história não está terminada, nem a dele. Tomaram rumos diferentes. Não estamos terminados. Apenas a morte é iminente.

Uma enfermeira traz a sopa. Inodora, desbotada, insossa. Há quantos dias estão nesse quarto? Sairei? Sairemos daqui para casa? Ou...?

Quando permitia seu coração ser



MODALIDADE CONTO

1º LUGAR

HILDA DAS GRAÇAS DE OLIVEIRA CURCIO

"ROUBARAM TODAS AS MINHAS CAMISOLAS"



dominado pela raiva ou a impaciência com o marido, plantava flores azuis, só para vê-las crescidas e justificar a frustração. Certo dia, quando Guga vira em volta da casa tantas flores, certificara-se da felicidade da esposa. Ela adora flores. Houvera? Luciana, pensativa, ia atrás de mais terra... Finda a minha metade de vida. Arranquei tantos sonhos de uma cartola inexistente... Também deixara germinar o medo em seu peito.

Houve época em que não tinha cinquenta anos; agora mesmo não sabe se já os tem. Teve, certamente, vinte e cinco. Por certo contara vinte e um, dezoito, até quinze anos. Mas agora, soma oito décadas e a constatada caduquice... do Guga... Jamais quis apressar a vida. No entanto. Quando está jardineira, é total silêncio; já nada ouve de seu coração, de seus pensamentos. Incomoda-a o quanto odeia o homem que mais amara nesse mundo — é que ele permitiu que lhe roubassem todas as camisolas, sem-dó.

Descobre um papel no avental velho, separado para cerzimento. Medo de o ler. Que lembrança carregaria? Abriu-o, não sem-antes se sentar. Era um acróstico rascunhado num dia de absoluta suspensão do sentido de realidade.

Amor especial para o bisneto Abel

Amor de minha-vida-toda-sua-vida-toda...

Braços sempre fortes

E prontos para o abraço, o nosso abraço, Lindamente, amo-o, especialmente, com a minha também Síndrome de Amor Especial por você, ABEL.

Tragediava a perda premeditada, roubo precipite — outra camisola. De que adiantaria uma dose de citocina? Não precisava mais daquilo, mas de seu passado e suas camisolas.

Guga, aparentemente, mais esquecido, volveu os olhos para seus chapéus, vasculhando, visualizando um a um a ver se permaneciam todos, dispostos no armário, empoeirados pelo desuso. Fixou o móvel. Passou a mão na cabeça averiguativo e trocou de chapéu — o

cinza lhe cairia melhor. Ademais, conseguiria certificar-se de que todos estavam acomodados como devido.

Filho-pai-irmão-marido-bisavô. Às vezes se fixava num desses papéis quaisquer para seu objeto de pseudodesejo a que a doença os remetera. Corria a não mais poder, acrobata, sempre, atrás de um deles, qualquer, incitando-o, tentando obrigá-lo a olhá-la despida, ossos-pelancas-rugas — tudo à mostra — ninguém queria vê-la nesses des-trajes. Tampouco Guga. A quietude, a inocência, o recato a que fora obrigada desde o nascer não lhe mereciam mais obediência. Agora, a caduquice cúmplice e incontestelhe prometia a vida conjugal. Bem como confirmava fatos jamais ocorridos. Quanto ao companheiro, olhava-a percebendo-não percebendo tudo. Concordar não concordava, mas calava. Por que exigir comportamento, exatidão, se tudo já fora tão mascarado, tão palhaço, tão... Inútil? A vida se esquecera de acabar. Provavelmente, não sobrara quem pudesse enterrá-los de vez, já que o viver a enterrara em todos os seus afazeres-haveres-quereres sem tom, fins, afins. Pais, onde? Filhos, onde? Amigos... Muitos se foram, outros estão. Caducaram também todos os seus mais íntimos desejos. Ora, apenas a morte os reduziria a algo. Caprichosa estatística.

A noite é sempre mais propensa ao descanso, mas a sua noite não dura mais uma noite, senão segundos, quiçá minutos — tempo imenso para perda tão dolorosa — roubaram todas as suas camisolas. Uma vez mais, desnuda, despe-se até de suas carnes. Vida já não há, querer já não há de! Sai à procura do caixão que lhe prepararam. Onde? Não-me indicaram esses fatos, não-me permitiram escolha — única saída não é opção. Olha para o lado como tentando reencontrar o amor — último vínculo com a vida, possivelmente. Não há captura. Liga o rádio. Não existe rádio.

“Fui eleito presidente do seu coração/[...] E como todo apaixonado/ Eu te declaro então/ Minha primeira dama”2... A música ecoa — olha ao lado para reencontrar o amor — elo fatídico com a vida.

Descapturado, seu homem, parte canhoto do rosto quedo, nada mais lhe grageja. Inexiste a conquista. Seu chapéu cai-lhe ininterrupto da frente — não há esperar. Não mais se olham, não mais se apertam, não mais se espreitam. Indesejosos. Fugitivos ambos daquela insegurança — Onde diabos estão meus chapéus?! Luciana! Roubaram todos os meus chapéus! Absorta e imóvel: — Também roubaram todas as minhas camisolas! Só-sobraram diagnósticos... caduquice... paramnésia... mal de Alzheimer...

E o primeiro muito-dinheiro trouxe a primeira plástica, sob os olhos. Vaidade, ainda que tardia. O convênio cobre, vai melhorar o campo visual. Agora, premente o encontro, plástica para erguer o semblante. Sim. O mais que puder. Casamento cobijado. Vida indesejada. História desperdiçada anonimamente. Busca. Encontro definido. Companheiro? Presença suspeita. Ausência insuspeita.

É chegado o momento. Ser feia... Quem me poetaria assim? Decididamente, não teria mais nada nem ninguém. Já incapaz de ser cuidada, mas apta a criar novas condições de sonhar-se real objeto de desejo e, com as mãos, afasta a própria velhice espelho em-dentro, transportando para a memória atual o navio que os levou em núpcias atracado em sua angústia. O que será que lhe restava? Delta não era apenas letra grega, incógnita difícil de memorizar; tornou-se senão variante da Covid-19. Sem-tempo para a quarentena. Sem-enterro. O mundo-verdade enfrentava a mentira dos seus relacionamentos. Todos. O velho coração conformado de Luciana apeia finalmente. Seu Guga já não vê mais o dia, as horas, a noite, a vida. Cinquenta anos de trabalho no IESPLAN-Brasília, Asa Sule e muita convivência não lhes conferiam algum direito à velhice desmemoriada.

— ... minhas camisolas. Não me lembro onde..

— Onde estão minhas gravatas? Meus chapéus...

1,2 CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. Primeira Dama.

MODALIDADE CONTO

2º LUGAR

HENRIQUE MORIC VILELA MARIANO

São José dos Campos / SP

"PAZ"

O coração batia tão alto e tão rápido que o seu próprio som aumentava meu nervosismo. O que aumentava também as batidas cardíacas. A qualquer momento eu poderia ser pego, descoberto. A escuridão da noite me protegia, mas meu coração me traía. Era um passo em falso, um mínimo erro, uma respiração alta demais e tudo estava perdido. O risco era muito grande. Mas era necessário.

Eu havia escalado a grade o mais rápido que eu conseguira. Não era fácil, eu nunca tive muito costume de escalar as coisas, e eu caí no chão do outro lado como um pacote tímido, como diria um dos nossos. Quero dizer, é meio inocente me comparar com ele. Ele conseguiu escapar da perseguição todas as vezes que foi perseguido. Eu ainda estou aqui, embrenhado nas sombras.

Levantei-me correndo e pulei para longe do portão fechado. Eu não sabia escalar, mas era mais seguro cruzar aqueles longos metros dentro do parque fechado que pela rua que o rodeava. Até onde eu sabia, nenhum dos Cabos estaria dentro do parque. Já do lado de fora, eu poderia esbarrar com uma ronda inesperada. E, aí, seria meu fim.

Minha perna doeu um bocadinho com a queda, mas, aparentemente, não havia sofrido nenhum dano muito grave. Afastado do portão, poderia andar pelo parque sem grandes riscos, desde que não fizesse muito barulho. Ainda assim, não tive coragem de andar ereto e confiante, pelo que segui meu caminho me esgueirando por entre as árvores, sem conseguir respirar com o medo.

Eu cruzei o parque o mais rapidamente que ousei. Quanto mais tempo fora, mais risco eu passava. Lembrei com um saudosismo

irônico de como eu sentia medo daquelas ruas antes e de como, à época, eu não fazia ideia do que era realmente amedrontador. As preocupações de antes pareciam tão vãs no momento.

Estaquei no meio das árvores ao ouvir vozes. Não estavam altas o suficiente para entender o que diziam, mas era tudo o que bastava para que um fio de suor gelado escorresse por minha testa no frio da madrugada. Arrisquei um olhar por entre as árvores, tremendo.

Ali, do outro lado da grade e do outro lado da rua posterior, iluminados pela pálida iluminação pública, dois Cabos andavam despreocupadamente para o norte. As metralhadoras em suas mãos brilhavam tão horrorosamente quanto as pistolas nos coldres. Mesmo à distância, eu conseguia ver o símbolo oficial dos Agentes da Paz, segundo a nomenclatura oficial, estampado nos braços do uniforme reforçado. Eles pareciam, assim como todos os outros, como pessoas normais. Nada mais do que homens. Mas o riso que chegava aos meus ouvidos carregava aquele conhecido escárnio de ódio e desprezo. Perguntei quantas vidas esses dois já haviam ceifado.

Escorei-me na árvore que me escondia para tentar recuperar o fôlego. Meu coração não me deixava respirar. Assim como meus vizinhos e amigos, ele parecia querer me denunciar. Eu estava completamente trêmulo. Minhas pernas não conseguiam se manter, meus dentes batiam uns nos outros de tanto medo. Encostei a testa no tronco gentil de madeira e fechei os olhos. Pensei no motivo pelo qual eu estava fazendo isso. Lembrei que, como dizia Clarice, a salvação é pelo

risco. E, com a mesma esperança bamba e dançante que cantava Elis, abri os olhos.

O chão escuro embaixo de mim era de terra. Entre as raízes anciãs da minha companheira, folhas, grama e terra. E pedras. Ajoelhei-me no chão e, com a mão instável, encostei na terra fria. Ali, conectado com o resto do mundo, fechei minha mão em torno da maior pedra visível. Levantei-me. Entre a árvore e a grade, um punhado de metros. A rua depois da grade tinha pelo menos o dobro dessa distância. Mas, vá, não estava tão longe assim dos homicidas. Meu plano poderia funcionar.

Eles poderiam me ver se eu me aproximasse demais da grade. Mas eu precisava tentar. A mão com a pedra tremia tanto que chegou a esbarrar na árvore algumas vezes. Talvez, eu pudesse esperá-los passar. Eu poderia sentar no escuro, protegido pela vegetação, e aguardar. Era o mais seguro.

Mesmo na melhor das hipóteses, eu não sei se conseguiria acertar longe o suficiente para afastá-los. Eles poderiam ver de onde veio a pedra. Se eu errasse, poderia acertar a própria grade. Ou um deles. Ainda que eu conseguisse acertar um ponto distante o suficiente para distrai-los, eles poderiam me ver. E eu nunca conseguiria cruzar a grade e correr por toda a rua sem eles me verem.

Deixei a pedra cair no chão e caí ao seu lado. Com as costas amparadas pela já conhecida árvore, consegui retomar o fôlego. O tempo passou e, com ele, o medo. Mas, em seu lugar, uma sensação muito pior tomou espaço. Eu estava me sentindo fraco, impotente. Covarde. Não é fácil sobreviver a uma ditadura. Você pode não se submeter e torcer

MODALIDADE CONTO

2º LUGAR

HENRIQUE MORIC VILELA MARIANO

"PAZ"



para não morrer (“ser suicidado”) em uma sessão de tortura nos porões do governo ou passar o resto da vida com essa sensação de covardia de quem preferiu se silenciar e não agir frente à opressão. Não parece haver outras opções.

Fazia um tempo em que o silêncio imperava na noite, então resolvi observar novamente a rua. A madrugada gelada estava estática, com o silêncio mórbido da capital adormecida. Eu parecia sozinho. Ao me apoiar para levantar, minha mão reencontrou a pedra que poderia ter sido minha salvação ou minha perdição. Peguei a pedra e levantei.

A rua parecia deserta. Nem uma sombra de um som me alcançava. Mas, do outro lado da grade, eu não teria esconderijo. O melhor seria correr até achar outra sombra ou chegar ao meu objetivo. Respirei fundo. A mão estava mais firme, mas sabia que aquilo era temporário. Era agora.

Corri o mais rápido que eu pude até à grade e pulei com toda a minha adrenalina para o topo. Escalei sem jeito e senti as lanças do topo cortarem minha camiseta e minha pele quando me projetei para o outro lado da cerca do jeito que deu. Caí de novo no chão com um som surdo que eu rezei para passar despercebido. Sem tempo a perder, comecei a correr antes mesmo de me pôr de pé.

Alcancei o outro lado da rua e estava exatamente debaixo de um poste de luz. Sem parar, corri até a esquina e hesitei antes de virar. A próxima rua também parecia deserta. Arrisquei-me com o coração a mil por entre a iluminação precária e as brechas nas paredes onde, antigamente, dormiam moradores de rua. Alternando entre correr e hesitar, ganhei a rua e faltava-me só mais uma quadra. Parei na esquina e olhei novamente. Meu coração voltou a me trair e gritar em desespero quando vi um Cabo

subindo a rua. Poderia ser um dos dois que eu havia visto. O outro poderia estar vindo por trás para me pegar. Tudo podia estar perdido.

Respirei fundo. Podia ser um Cabo diferente, sozinho. Eu só precisava distraí-lo e poderia chegar, finalmente. A pedra estava começando a machucar minha mão, de tão forte que eu a segurava. Olhei em volta, procurando onde eu poderia acertar a pedra para ganhar alguma vantagem. Talvez eu pudesse quebrar alguma das janelas, gerar confusão, ou tacar mais adiante na rua e torcer para que ele corresse e não olhasse para mim ao cruzar a encruzilhada. Talvez eu pudesse acertar nele e tentar atacá-lo. Não, eu não seria capaz de subjugar-lo, mesmo que ele não estivesse armado.

Qual não foi o meu terror quando o som de motor alcançou meus ouvidos. A ansiedade voltou a me atacar e a mão voltava a tremer violentamente. Agora sim, eu estava perdido. O carro com o símbolo dos Cabos, com os dizeres “Agentes da Paz” em letras colossais, pintado de um colorido verde e amarelo, surgiu atrás do homem armado que patrulhava aquela rua lentamente.

Suando, eu vi o carro parar ao lado do Cabo e abaixar o vidro. Os agentes conversaram entre si no meio da rua, por um tempo. Então, aquele que estava a pé abriu a porta e entrou no veículo. Eu me encolhi desesperadamente contra a parede, desejando ser absorvido pelo concreto e desaparecer nas entranhas da cidade.

O carro passou sem hesitação pela esquina em que eu me encontrava e seguiu seu caminho, completamente ignorante da minha presença. Eles nem imaginaram que eu estava ali. Ainda assim, eu me mantive agarrado à parede do prédio até muito depois do som desaparecer sob a

lua. Depois de muito tempo, estava novamente sozinho.

Ainda completamente trêmulo, virei na rua sombria. Alcancei a porta que buscava e, instável, bati o número certo de vezes, no ritmo certo. Eu ouvi a tranca girar e senti o coração finalmente trabalhar em conjunto com o resto do corpo novamente.

Eu me joguei para dentro do prédio e a porta foi fechada atrás de mim. Fui enfim amparado por dois braços macios e um cheiro doce como o mar num dia quente. Percebi que o corpo que me envolvia estava tão instável e ansioso quanto eu. Ambos chorávamos, nossas lágrimas se misturando onde nossos rostos se encontravam pingando juntas, abraçadas, no chão.

- Você está bem? Você demorou, eu fiquei tão preocupado – seus olhos negros se arregalaram em horror – Você está sangrando.

Olhei para minha mão direita. No meu pavor, segurara tão forte a pedra que conseguira rasgar a pele da minha mão. Larguei-a e o barulho que ela fez ao acertar o chão de madeira foi completamente diferente do que eu fiz nas minhas quedas da noite. Não me importava com a minha mão sangrando. Sequer me importava com a dor.

Peguei suas mãos na minha mão limpa e olhei no fundo dos seus olhos. Sorri e o coração finalmente concordava comigo.

- Eu estou ótimo, meu amor. Eu estou contigo.

Envolvi seu rosto em minhas mãos, procurando não encostar meu ferimento para não lhe sujar. Seu sorriso me fez suspirar e rimos os dois, entre beijos e lágrimas, ainda ofegantes.

Nossas testas e nossos narizes se encontraram, com os sorrisos espelhados. Tomei a iniciativa e beijei seus lábios risonhos.

Eu finalmente estava em paz.

MODALIDADE CONTO

3º LUGAR

FRANK RIIJKAARD DA SILVA CANUTO

Brasília/DF

“ELA”

Ela esperava.

Na plataforma, os passos ecoavam em um ritmo sem pressa. Era como se o tempo ali tivesse um fôlego próprio: pausado, suspenso. Entre o nascer e o pôr das horas, a espera se fazia matéria — um tecido que envolvia o corpo e se confundia com a pele. O trem não chegava. Ou talvez ela estivesse sempre no instante exato antes da chegada — a promessa nunca cumprida de um encontro.

Encostou-se a um dos pilares e fechou os olhos. Sentiu o peso dos últimos anos, dos últimos amores, das últimas palavras que ficaram sem resposta e daqueles que se foram sem querer dar um último adeus. Quem partiu levou consigo fragmentos seus? Ou era ela quem se deixava para trás, aos poucos, em cada despedida? Entre ruídos metálicos e vozes distantes, recordou aquela noite em um bar, onde deixou pedaços da sua história entre goles e conversas desconexas. A embriaguez foi apenas um detalhe — o verdadeiro torpor vinha de dentro.

Ela se dissolvia ali, no intervalo entre uma certeza e outra. No vazio entre um olhar e a porta que se fechava, desmanchava-se. A ideia de que alguém sempre ficaria do lado de fora, batendo, sem nunca ser convidado a entrar.

“Foi um déjà-vu?”

Acordou assustada, abriu os olhos e viu um vulto do outro lado dos trilhos. Uma sombra ou um fantasma do que poderia ter sido. Alguém que já não fazia parte, mas que, por alguma razão, insistia em permanecer ali. O que faz um espectro continuar rondando uma vida que já não o deseja? E por que, apesar de tudo, era impossível ignorá-lo completamente?

As luzes cortavam a névoa densa. Mas ela hesitou. Sentir era preferível a não sentir nada — mesmo que fosse o gosto amargo de um veneno antigo. E então, como um verso que se perde antes do fim da música, ela permaneceu ali, imóvel. O trem passou sem levá-la. Talvez nunca tivesse sido para ela. Talvez nunca houvesse realmente um destino.

Ela sentou-se no banco de madeira gasto

e puxou o casaco até o queixo. O frio agora vinha de dentro. Tudo nela parecia esperar por algo — ou alguém — que talvez nem existisse mais. Ou que nunca tivesse existido, exceto em seus devaneios.

As lembranças não vinham em ordem. Eram lampejos, fragmentos: um sorriso atrás de uma cortina, um nome sussurrado no escuro, um toque que não sabia mais a quem pertencia. Tudo era ausência, tudo era eco.

As pessoas vinham e iam, atravessavam a estação como se a vida seguisse. Mas ela... ela permanecia. Porque há quem parta, e há quem fique preso no instante anterior à partida — como uma nota que não se resolve, um verso que não encontra fim.

Um menino passou correndo, olhou para ela. Por um segundo, os olhos se encontraram, havia algo ali. Um reconhecimento? Uma memória? Ou apenas um engano da mente, que insiste em projetar rostos conhecidos no corpo dos estranhos?

Foi então que entendeu: alguns esperam por quem já partiu; outros, apenas por si mesmos. Ela olhou para os trilhos. Havia silêncio agora. Talvez horas. Talvez dias. Talvez nunca mais. E, ainda assim, ela não se moveu.

Na última curva da madrugada, quando o vento trouxe um sussurro que mais parecia o seu nome, seus olhos marejaram. A estação estava vazia. Não havia mais passos, nem vultos, nem promessas. Apenas o banco frio, a mala esquecida e um lenço branco que escapava de suas mãos — voando, como quem parte sem dizer adeus.

O relógio da estação girava em círculos, indiferente. A brisa levantava folhas secas e segredos antigos. E então, com um suspiro que não sabia de onde vinha, ela se levantou. Caminhou até a beira da plataforma. Seus pés pararam na linha que separa o chão seguro do abismo em movimento. E ali, com os olhos voltados para o vazio, ela sentiu que era a própria espera.

Não medo, não dor. Apenas um silêncio absoluto. Um reconhecimento profundo de que a espera não era por um trem, nem por alguém.

Era por si mesma — pela parte que ficou em algum momento no passado, acenando com um lenço branco e um sorriso confuso.

mbém não recuou. Ficou ali, no exato lugar onde se cruzam os que ainda vivem e os lúgubres.

A porta do vagão se abriu, mas ninguém desceu. A luz do interior parecia mais escura do que a do lado de fora. O vento soprou forte e, pela primeira vez, ela se sentiu leve.

Ali, envolta na névoa e no silêncio, com a delicadeza de quem entende que o fim é apenas outra forma de recomeço, ela fechou os olhos e desapareceu — como se nunca tivesse estado ali, embora tudo ainda cheirasse a ausência.

O trem seguinte chegou vazio. E partiu levando, no banco ao fundo, um crachá caído no chão.

“Helena”, estava escrito.

Era só isso. Um nome. Como se, afinal, ela sempre tivesse sido só isso para o mundo: alguém que esperava. Mas, naquele instante, Helena foi ausência plena. Foi silêncio preenchido de sentido. Foi o não dito que arde.

Quem olhou para o banco vazio talvez tenha sentido — sem saber porquê — uma pontada de saudade por alguém que nunca conheceu. Como se o destino, cansado de brincar com as chegadas, resolvesse encerrar a história com um silêncio só.

Mais tarde, um funcionário da estação, ao recolher papéis e farelos, encontrou um bilhete dobrado entre as tábuas do banco. A caligrafia trêmula dizia apenas:

“Se alguém chegar por mim, diga que já fui.

E que, enfim, entendi: não era ele que não vinha.

Era eu que já tinha partido há muito tempo.”

Assinado: Helena

E todo aquele que já esperou por algo que nunca veio, um dia verá Helena. E entenderá — tarde demais — que o mais cruel da espera não é o tempo, nem o vazio.

É descobrir que ninguém nunca prometeu vir.

MODALIDADE CONTO

PRÊMIO GALARDÃO
ANDRÉ BUENO KAIRES

Tatuí / SP

"ENCONTRO"

Era madrugada fria. A chuva escorria fina e interminável. A cidade dormia cansada e doente.

O som provocado pelo salto do coturno de couro preto do rapaz explodia-se em choque com as ruas desertas e repletas de poças d'água. Um passo em falso e tudo seria revelado...

Chovia sem parar. Vez ou outra, um carro cortava a longa avenida, enquanto isso, o rapaz miúdo, vestindo tons pastéis, caminhava a passos largos e confusos e indecisos.

Na boca, aquele gosto amargo da decepção, aquele maldito gosto de uma descoberta dolorosa, sufocante e dilacerante... Soluçava baixinho, como quem estivesse cometendo um crime e fosse isso, um perigo muito grande. Parou por um instante, olhou para o céu imenso acima de si. Se pudesse, faria carícias em si mesmo para confortar suas feridas que agora, rasgavam a camada de ozônio...

- O - zô- nio... - O rapaz miúdo, de barba delineada, balbuciava sem parar. Dentro dele, alguma coisa mudara, movera-se, tornando aquele momento, um verdadeiro tormento... E quando a vida torna-se insuportável, temos o direito de enfiar bem fundo, o dedo na garganta e mandarmos para longe, qualquer possibilidade que não nos permita seguir em frente.

- Ca - ma - da!

Um carro passou mais perto e, um transeunte apressado passou por ele, deixando vestígios de vida, naquela cidade. Mas, subitamente, o mesmo transeunte que momentos antes, passara pelo rapaz miúdo, virou-se, e estacionou seu corpo entre um poste e uma bifurcação da longa avenida.

Por um momento, entreolharam-se e tudo parecia ganhar um sentido, uma nova perspectiva... A chuva amansara. O silêncio era angustiante. A respiração de ambos inquietara-se, até a menor criatura apercebia-se daquele pequeno assassinato: aquele encontro inevitável consigo mesmo...

Nada acontecia. Nenhum passo, nenhuma palavra. Ambos permaneciam ali, parados no tempo da contemplação.

Um passo em falso, e tudo seria revelado... - E queriam? - A chuva cessara completamente. Em direções opostas, os corpos úmidos daqueles dois caras, pingavam. Pingavam. Pingavam...

De repente, o aceno... e todo aquele impasse pareceu perecer, esvaziar. O inevitável, enfim, aconteceu... O rapaz miúdo pigarreou e esboçou um terno sorriso... era um bom começo. - Pensou -. Na contramão, vinha

o transeunte apressado, tão próximo e era assim que se movia: gracioso e conquistador, desbravando aquela madrugada fria, chuvosa, deserta, com inexatidão e com um certo desespero agradável. Agora, tão perto que enfim, pude decifrar sua fisionomia: altivo, sombrio, olhar penetrante, a cara linda e fria.

- Me dá um cigarro? Um deles pediu.

- Filtro branco... Pode ser? Respondeu o outro.

Era o início da descoberta daquilo que horas antes, rompera o coração de ambos e, trazia aquele gosto amargo na boca; a bile pedindo socorro... um passo em falso e, tudo seria revelado.

- Claro! E fogo... você tem?

O riso cínico e contido de ambos. A respiração inflando cada vez mais o peito. Usavam gestos pequenos, para coisas grandes demais... um deles estendeu o cigarro para o outro, e tirou do bolso profundo da calça, o isqueiro barato. Aproximou-se e suspendeu por um breve momento, a chama do isqueiro, e acendeu o cigarro de filtro branco preso nos lábios do outro. Um vento soprou mais forte e apagou a chama. A chuva dava indícios de seu retorno. E foi então, que sem nada dizerem, as mãos daqueles dois encontraram-se, tudo tão rápido e confuso e estranho.

"O choque. A válvula. O espasmo... Eu não sei se a vida é pouca ou demais para mim..."

- Pessoa, em minha mente, boca e ouvidos -.

A chuva retornara mansa e incansável. As mãos agora, afastadas, escondiam-se nos bolsos da calça de ambos, buscando conforto, calor e o aniquilamento de qualquer possibilidade de um novo encontro. O outro acendeu um cigarro para si.

- O que faz sozinho nessa madrugada fria, perambulando por aí? Indagou um deles e soprou a fumaça.

O outro, antes de responder, riu aquele risinho cínico e contido, deixando transparecer alguns dentes sadios e brancos. Tirou a tímida mão do bolso e suspenso no ar, respondeu: - Faço a mesma pergunta pra você... - Desviou o olhar para um cartaz pregado ao poste e soprou a fumaça.

"O Universo só pode caber dentro dos corações das pessoas..." - Ondjaki, num dos cartões postais que recebi, após tê-lo conhecido em Luanda -.

- Eu tô perdido... perdido! Tragou fundo. Quase tossiu. A mão inquieta na boca buscando uma espécie de afago, compreensão. Jogou a bituca no chão e a esmagou com o pé esquerdo.

Mais uma vez, aquele silêncio horripilante.

Entreolharam-se profundamente e qualquer piscar de olhos levaria para longe, toda a delícia daquele encontro... Um passo em falso, e tudo seria revelado.

- Você tem mais um cigarro? Pediu ainda mais desesperado.

- Tenho. Estendendo o braço forte e entregando-o. Mais uma vez, o click seco e certo do isqueiro barato. A pequena chama, iluminando brevemente, o rosto daqueles dois.

Um carro buzinou fugidio. Um cão latiu longe. Em volta, naquela avenida, onde ambos permaneciam imóveis há muito tempo, não havia mais nada, além das inúmeras poças d'águas desencadeadas pela chuva que caía.

Caía. Caía. Caía...

- Perdido? Em que sentido? O diálogo retomado após uma longa pausa.

Era preciso um esforço muito grande para manter uma linha tênue naquele encontro brutal, para que ambos levassem para bem longe, aquele gosto amargo da boca, que horas antes, era apenas uma inquietação, uma angústia sutil. E como numa coreografia ensaiada incansavelmente, entreolharam-se e sopraram a fumaça. O riso cínico e cada vez mais, menos contido.

A madrugada avançava no horizonte. A chuva chorava mansa e demorada numa das vidraças de uma loja. Uma coruja espiava encolhida na haste de um poste.

- Em todos os sentidos... Sabe, cara? Respondeu um pouco mais calmo.

- Sei... sei, cara! Olhou de relance e visitou com o olhar, o resto do corpo do outro.

- Então talvez, seja essa a nossa sina: esse encontro patético e inevitável, aqui, nesta avenida vazia e alagada... e enquanto fumamos esse cigarro de merda e nos olhamos como dois cães famintos, tentamos de alguma maneira, mandar para muito longe, esse gosto amargo das nossas bocas... Não é isso, cara?

O estalo. Alguma coisa avançara e chegava perto demais. Era preciso cautela. Novamente, o silêncio. Os olhares mútuos. O confronto e a certeza cada vez maior de que em breve, aconteceria aquele pequeno assassinato: o encontro inevitável consigo mesmo.

Encharcados pela chuva que insistia em cair, tremiam de frio, pavor, alarmados pelo doce esperança de: sobreviverem, talvez! Um deles chegou ainda mais perto. A mínima distância dissipara-se. Nada mais podia ser evitado.

Em meio ao cheiro de bebidas baratas, cigarros, corpos encharcados de chuva, desespero e amargura, foi que aconteceu o ato mais brutal... o beijo.

MODALIDADE CONTO

PRÊMIO GALARDÃO
GUILHERME HENRIQUE TORRES BARBOSA

Tatuí / SP

"O CÃO MENSAGEIRO"

Naquela noite de junho, o maestro Louis chegou ao Grand Théâtre Saint-Jérôme envolto em seu sobretudo de veludo e luvas de seda. A chuva fina e indecisa dissolvia-se nas luzes amareladas dos lampiões, e um odor de madeira úmida e passado envenenava o ar. Era sua primeira noite no teatro, e ele a experimentava como um veneno raro - uma mistura de triunfo e inquietação que descia pela garganta feito um licor denso e desconhecido.

Jovem demais, belo demais, talentoso demais! - essas eram as três sentenças murmuradas pelos músicos veteranos quando souberam que ele, Louis, seria o novo maestro da Orquestra, e que fique registrado; não eram sentenças elogiosas. Seu nome era falado com desprezo e fascínio, como o de um príncipe bastardo, mas herdeiro, ainda por coroar. Naquela noite, seria seu primeiro ensaio com a Orquestra e, portanto, decidiu que chegaria antes de qualquer um. Ao atravessar o portal esculpido do teatro, sentiu um arrepio, o Grand Théâtre não era apenas um edifício, ele respirava. Foi ao grande salão onde os candelabros estavam acesos e as cadeiras vazias, dando ao espaço uma aparência fúnebre, o cheiro de parafina misturava-se ao odor curtido das cortinas de veludo púrpura.

Então, como se sentisse uma presença não anunciada, quase opaca, ele o viu pela primeira vez, através da porta que dava acesso aos camarotes. Um cão.

Como uma sombra projetada

por um incêndio, de olhos que pareciam duas velas prestes a se apagar. O animal estava sentado no meio do palco, imóvel, e o encarava com a solenidade de uma gárgula.

— Quem é você? — murmurou Louis.

E o cão permaneceu, inabalável como uma pintura grotesca, a iluminação baixa dava a visão diáfana entre um ser real e uma estátua esquecida em seu mistério. Mas, apesar da cena de uma quietude apavorante, um som ressoou das entranhas do teatro - um acorde grave, como se um piano de cauda tivesse sido tocado por mãos invisíveis, vindo de baixo do palco. Louis girou a cabeça na direção do som, por reflexo, mas quando voltou a olhar para o palco o cão não estava mais lá.

Um devaneio? Um truque de luz? Um capricho da fadiga?

Apenas um cão... Apenas uma nota perdida no tempo!

No entanto ele sentiu, na pele e nos ossos, que algo o havia percebido...

Louis mal registrou em sua memória como transcorreu o restante do primeiro ensaio com a Orquestra naquela primeira noite, a inquietação - fruto daquela recepção hostil, tanto por parte do teatro quanto dos próprios músicos - o dominava por completo.

Na segunda noite ficou sozinho no teatro depois do ensaio. A Orquestra o obedecia, mas não sem reticências. Eles tocavam com exatidão, mas sem alma - a

alma que só poderia ser insuflada por alguém que acreditasse ser digno dela. Quando todos se foram, Louis ficou. E então, como se já esperasse por um combinado silencioso e não feito, ele ouviu, aquela nota, aquela única e isolada nota, como se alguém estivesse ensaiando uma melodia fúnebre, de um grimório amaldiçoado, vinda do alçapão no subsolo do teatro. Desceu as escadas aceleradamente, seu coração batendo em uníssono com o silêncio, cada degrau rangia como uma corda tensionada ao limite, e finalmente quando chegou ao andar inferior, havia apenas poeira e escuridão, mas parado ao centro...

O cão.

Lá estava ele, outra vez. Sentado no meio do salão subterrâneo, na penumbra, observando-o com olhos de músicas inacabadas.

— Que truque é este? — gritou Louis para o escuro, para o vazio, vacilando entre a dúvida e o desafio. O cão não se moveu, mas algo aconteceu, atrás dele as partituras esquecidas e empoeiradas começaram a se desprender do balcão e a flutuar, como se dedos invisíveis as folhassem. Algumas se abriram como se tocadas por um vento inexistente, uma delas girou lentamente até pousar aos pés do maestro. Louis se abaixou e pegou a partitura, era uma composição que ele nunca vira antes. Uma obra desconhecida, sem autoria. Mas as notas, as notas eram estranhamente familiares. As mesmas que ele tinha ouvido, ou imaginara ouvir

desde que chegou ao teatro. Os acordes do alçapão.

Ele levantou os olhos. O cão não estava mais lá.

Mas agora ele sabia.

Havia alguém ou algo ensaiando sob o Grand Théâtre Saint-Jérôme, e o cão era apenas o seu mensageiro, e ele, Louis, fora o escolhido. Sempre impecável e de porte desdenhoso, buscava demonstrar incansavelmente um ar de indiferença estudada, tal qual um desses dândis de salões da nobreza para quem o mundo se resolvia em notas de absinto e murmúrios de tapeçarias antigas. No entanto, ao adentrar o alçapão do Grand Théâtre, algo nele vacilava. O ar ali se adensava de umidade e passado, impregnado de partituras profanas e do cheiro acre de veludos moribundos.

E, entre ensaios perdidos no decorrer dos meses, das poeiras e dos baús de um esplendor extinto, Louis continuava a ter visões daquela criatura - o cão. Um animal esquelético, de olhar leitoso, enigmático, que, a despeito da cegueira aparente, parecia ver além do visível, enxergando-o a ele, dia após dia, sempre acompanhado daqueles acordes hereges, o jovem maestro nem mesmo poderia afirmar com certeza que aquilo não acontecia somente em sua imaginação, mas sim no cerne de sua própria alma. Os olhos do cão pulsavam como feridas abertas, reluzindo a luz mortiça das candeias sobre partituras carcomidas que trazia nos dentes amarelados.

Nos primeiros encontros, Louis



MODALIDADE CONTO

PRÊMIO GALARDÃO
GUILHERME HENRIQUE TORRES BARBOSA

"O CÃO MENSAGEIRO"



apenas sorriu, um esgar de ironia e desdém, como faria diante de um devaneio de pesadelo ou de uma anedota mal contada num salão decrépito. A Orquestra o seguia em sua indiferença, dia após dia, fingindo que não era afetada pelos devaneios do jovem prodígio que estava à sua frente, enlouquecendo, para eles a criatura não existia, como se ao negá-la pudessem dissolver a sombra que se espairava sobre o teatro. Mas o cão retornava, insidioso, entre a penumbra dos bastidores, roçando as cortinas, refletido furtivamente nos espelhos lascados, com sua oferenda espectral.

Louis recusava. Pisava as folhas, as atirava ao fogo, rasgava-as em fúria cínica. Mas a cada amanhecer, lá estavam elas, imaculadas, sobre seu piano, sobre as estantes dos músicos, pregadas nos tetos dos camarins como um escárnio de forças que zombavam de sua sanidade. A Orquestra se tornava inquieta. Os violinistas cochichavam nos corredores, esgueirando-se por entre os pilares como conspiradores. "Jovem demais, belo demais, talentoso demais... e agora, louco demais?"

E então as vozes vieram. Surgiam das entranhas do teatro, primeiro sussurradas entre o crepitar das velas, depois, entrelaçando-se às notas dos ensaios, como um coro de espectros antigos.

As luzes oscilavam e nas sombras dançantes os rostos dos músicos se transfiguravam em feições irreais, mascaradas pelo temor e pela dissimulação. E o cão, sempre o cão. Sentado na escuridão, expectante, com aqueles olhos de composições abortadas.

Na noite em que a primeira violinista encontrou seu instrumento destrozado nos bastidores - as cordas estiradas como entranhas num sacrifício profano - Louis cedeu. Mas não diante deles.

Guardou para si o horror que lhe corroía a mente e, num gesto de exasperação e desafio, ergueu-se diante da Orquestra com um brilho febril nos olhos. Se queriam desprezá-lo, se queriam reduzi-lo a um menino ambicioso e inconsequente, que assim fosse!

Desdobrou a partitura com um movimento teatral, fingindo despreocupada

insolência.

"Senhores, esta noite tentaremos algo novo." A voz saiu firme, quase desdenhosa. "Uma peça... perdida. Um capricho para os que se atrevem."

Os músicos hesitaram. A Orquestra estava à beira da indisciplina, do escândalo. Mas o medo difuso, sem forma e inexplicável que pairava no teatro, aquele temor intangível inominável, que se insinuava entre os intervalos de cada ensaio, os manteve sentados. As primeiras notas brotaram dos instrumentos, hesitantes, inseguras. Mas logo vieram outras, e outras, e então o indizível aconteceu...

A melodia não era humana. Não era sequer deste mundo. Não havia harmonia conhecida, nem compasso que obedecesse a qualquer razão. O som torcia o ar, vergava os corpos, insinuava-se na espinha como dedos gelados arranhando o cérebro. Era animalesca, insana.

O primeiro violinista deixou escapar o arco, as mãos crispadas num espasmo convulsivo. A harpista arfava, o peito subindo e descendo como se algo invisível o comprimisse, a estrangulasse. O fagotista caiu da cadeira, os olhos revirados, a boca articulando palavras sem lógica, numa língua desconhecida, venenosa aos ouvidos. Alguns se encolhiam sobre si mesmos, enquanto outros tocavam em um frenesi cego, os movimentos se tornando cada vez mais violentos. Era como uma pintura horrenda que acompanhava seus apreciadores com olhos de maldições e pesadelos oceânicos.

E Louis... Louis sorria. Um sorriso trêmulo, um sorriso de triunfo e de horror, como um homem que, ao abrir uma porta proibida, descobre que a resposta final à sua existência já não pode ser desfeita.

O som crescia, acumulava-se, adquiria volume, corpo, intenção. Uma voz sem lábios sussurrava por entre as notas, como se a partitura se lembrasse de cada mão que a tocou, de cada mente que ousou lhe dar forma antes de ser consumida pelo esquecimento.

E o cão, ah, o cão...

Sentado na escuridão, observava. Paciente. Como se apenas esperasse pelo inevitável.

PRÊMIO GALARDÃO
ODIMAR JUSTINO MARTINS
Tatuí / SP

"CADERNOS DE RECORDAÇÕES"

"Você sempre me disse que eu era seu erro escolhido, a possibilidade não imaginada, sua vulnerabilidade na invulnerabilidade da raiva, quando, ao imitar suas palavras, seu semblante fechado, desviou-se para de onde vinha tão ousado som e quis advertir o acaso e encontrou nos meus olhos o sorriso que eu trazia nos lábios. Foi amor, eu me falei. Aquela gincana de jovens, quando eu ganhei uma medalha de bronze no salto à distância e lha dei de presente. Uma semana depois, fomos ao cinema para assistir "À Noviça Rebelde", com os atores Julie Andrews e Christopher Plummer, filme baseado na história real da família Von Trapp. Neste dia, imaginei uma enorme família com você, mas não chegamos aos sete filhos da história; porém, construímos esta linda família com nossos três filhos, duas meninas e um menino. Neste dia, eu pedi você em namoro; quando fiz o pedido e você simplesmente me respondeu: - Claro! (simples assim). Num instante, o medo que me habitava transformou a possibilidade em realidade, promessa de felicidade, que não se cumpre todos os dias, porque na vida existem as circunstâncias e os acasos, nossos oceanos imprecisos".

Estas palavras estavam na primeira página do caderno que meu avô começou a escrever quando a doença de Alzheimer da minha avó, evoluiu, dois anos após o diagnóstico. Todo dia, uma história ou um comentário ia para seu caderno diário. Para não se esquecer de si mesmo, pelo grosso laço dourado que ostentava em seu dedo anular, para não se esquecer dos livros que trocavam para leitura e que agora ele lia na varanda para ela, numa forma de manter viva a sua metade, assim como os filmes antigos de que tanto gostavam e agora continuavam a assistir, de mãos dadas, nas mãos intangíveis de cada esquecimento. Viver, apesar

de... ensinar resiliência aos filhos e netos, contar história, reavivar o vívido no sem sentido do silêncio das paredes da casa que já não ouvem as discussões intermináveis pela indecisão dela em escolher, na pluralidade do catálogo de cores, a cor desejada. Na disposição, agora, dos móveis, objetos e decorações, dá para tatear a saudade que existe em cada metade de si que, por mais de cinquenta anos, viveu na duplicidade das palavras, das escolhas, dos lugares, do dueto de silêncios - quando viver as metades, às vezes, é imprescindível calar.

CASABLANCA

"Hoje, assistimos à "Casablanca", remasterizado e colorizado por computador, quando as cores parecem esmaecer no perder dos dias, lembrando a frase do filme: "O mundo está desmoronando e nós nos apaixonamos" - "toque outra vez, Sam" nas palavras de Ilsa Lund (Ingrid Bergman), ao pedir ao pianista (Dooley Wilson) a canção "As time goes by": "... Tu debes lembrar isto: um beijo é sempre um beijo, um suspiro é apenas um suspiro...". Eu olho para o seu rosto quando o personagem de Victor Laszlo (Paul Henreid) inicia a "Marselhesa"; eu quero acreditar que a pequena expressão dos seus olhos são ainda lembranças - "Estou de olho em você, garota". Não é preciso dizer mais nada... Mas algo em mim gostaria de ter a coragem de Rick Blaine (Humphrey Bogart) de ver partir o amor da sua vida e encontrar refúgio na razão para permanecer sereno. E se para os personagens sempre haverá Paris, "Nós teremos sempre Praga", Tchecoslováquia, hoje República Tcheca, com seu charme e beleza, pelas ruas que você mesmo me disse por onde andou o escritor Milan Kundera, autor de um dos livros de que você mais gostava, "A insustentável leveza do ser". Lerei novamente para você, esta semana".



MODALIDADE CONTO

PRÊMIO GALARDÃO
ODIMAR JUSTINO MARTINS

"CADERNOS DE RECORDAÇÕES"

**A INSUSTENTÁVEL
LEVEZA DO SER**

"Dizem que, quando você lê o livro "A insustentável leveza do ser" pela segunda ou terceira vez na medida em que a maturidade vai alcançando-o, sempre há uma nova perspectiva, pois ele é um poema oculto dentro de um título de livro em que se confrontam sentimento, destino, fardo e liberdade; porém, todo poema também é uma forma de coexistência. De Nietzsche a Parmênides, este livro não é sobre caráter ou personalidade, mas sobre valores e o seu peso diante da existência: "Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio dessa vida já é a própria vida?". Agora, estou preso em suas frases: "Aquele que quer permanentemente chegar mais alto deve esperar que, um dia, seja invadido pela vertigem". Você ainda está aqui neste livro, parece que ouço você dizer que meus olhos eram metáforas azuis quando li para você "... as metáforas são perigosas. Não se brinca com metáforas. O amor pode nascer de uma simples metáfora". Hoje, ao terminar o livro, eu me recordo das suas "sem razões" de iniciar uma discussão inútil, é que você respira pelo pulsar das veias e "Onde o coração fala, é indelicado que a razão o contradiga". Aos poucos, uma lágrima aparece no canto dos meus olhos, mas ela já percorreu um longo caminho, na frágil jornada da memória: "Não há nada mais pesado que a compaixão... Nem sequer a própria dor é tão pesada quanto a dor sentida com alguém, por alguém, para alguém, multiplicada pela imaginação, prolongada em mil ecos".

ANDANÇA

"Hoje, estavam todos aqui, os nossos filhos. Nossas metades misturadas no sangue, feitos você nas qualidades, e a mim, nos defeitos (você igual ao seu pai), embora nosso tipo sanguíneo com meu O+ e seu AB+, eles seriam A ou B, mas nunca O. Mas todos nasceram A, sem preconceitos de letra, sem meios caminhos, na força do nosso exemplo, porque eu aprendi a ser melhor com você. Então, a caçula pega o violão e começa a tocar a música da nossa festa de quarenta anos de casados "... Vim, tanta areia andei, da lua cheia, eu sei. Uma saudade imensa.

Vagando em verso, eu vim, vestido de cetim...". Meu filho olha com seus olhos tão teus que me encanta o olhar que canta em mim o tanto de ti que ainda é meu. - "Meu olhar em festa se fez feliz...". As mãos da nossa primeira filha seguram as minhas tão emotivas... E os três nos abraçam e cantam junto "... No passo da estrada, só faço andar (me leva, amor). Tenho meu amor pra me acompanhar (amor) ...". E eu só sei isto: "... Só o amor me ensina onde vou chegar - Por onde for, quero ser seu par...".

O POEMA

"Ontem, comecei a procurar dentro dos nossos livros e encontrei, não poderia ser em outro lugar "Em algum lugar do passado" de Richard Matheson, o poema que eu escrevi "pra você": "Já disse que te quero sem amarras, sem cordas: só no limite dos braços. Já disse que te encontrei sem rotas, sem mapas: só na fronteira dos olhos. Já disse que te segui sem caminho, sem destino: só na leveza dos passos. Já disse que te desejo sem poemas, sem versos: só nas estrofes dos lábios. Já disse que te amo sem minutos, sem horas - só no infinito do tempo".

**EM ALGUM LUGAR
DO PASSADO**

"Os poemas nascem nas noites taciturnas, da síntese das palavras, quando a audição em leve sono se acomoda e algo bate dentro da gente como segredo íntimo e solene que a gente não ousa desafiar; eu até começaria a ler o livro "Em algum lugar do passado". Então, resolvi assistir, junto com você, ao filme baseado nesse livro, em que uma senhora idosa dá um antigo relógio de bolso a um jovem teatrólogo e diz: "volte para mim", como todas as coisas que intrigam, relativas ao tempo e assim, se eu pudesse viajar sem destino certo, como o personagem de Richard Collier e hospedar-me no Grand Hotel e lá encontrar sua fotografia na parede, por certo eu me encantaria e iria querer saber tudo sobre essa mulher e tentaria voltar ao passado para reencontrá-la.

No outro dia, ao entardecer, minha avó se foi, cinquenta e sete anos no mesmo quarto, dividindo as mesmas histórias, todas as noites a discutir sonhos e receios, juntos e

de mãos dadas, unidos por um anel dourado, que deixa agora uma das mãos para o desamparo da outra.

Três meses depois, meu avô também se foi, na manhã que não se cumpriu, e foi assim que compreendi os símbolos do luto, o rito marcado da despedida, do "tu és pó e ao pó voltarás", no gesto de reter nas mãos um pouco de terra e deixar cair nos sete palmos mais profundos que um jovem, que aprendeu com o avô, apesar da doença da avó, a viver a vida com encanto, com delicadeza, sem se deixar tocar pela áspera superfície das intempéries, porque é na leveza que se flutua além delas...

A casa vazia dos avós, por si só, está impregnada de histórias, porque depois da morte, é na memória dos filhos, dos conhecidos, dos sobrinhos, dos netos que continuaremos a existir. Por quantos anos continuaremos aqui, apagando-nos aos poucos, nas lembranças dos outros? Meu avô deixou, como último texto de seus cadernos de recordações, uma versão sua da música "Perhaps Love" (Talvez o amor) de "John Denver": "Talvez o amor seja um lugar de descanso depois de uma jornada, um abrigo para corpo em cada abraço. Talvez o amor seja encontro, destino, sobressalto, sorte ou simplesmente um olhar que se permite cativar. Ele está lá, em trechos e frases dos diálogos dos filmes e livros com que nos encantamos por compartilhar e lugares aos quais visitamos, onde outros passos e sonhos deixaram suas "Andanças", pois ele, Amor, está na canção de que nos apropriamos para chamar de nossa.

Talvez o amor esteja nos traços dos nossos filhos, de nossas metades semeadas em campos fecundos. E em tempos que você está em parte sozinho, é preciso visitar o passado para preservar o presente, pois o amor nos traz de volta para casa. Talvez o amor seja instável e repleto de mudanças como um oceano e se você perder a si mesma no labirinto do esquecimento involuntário, as suas mãos estarão protegidas ao amparo das minhas, para lembrar que o amor vai estar com você. E se você partir antes de mim, minhas lembranças de amor serão sobre você...".

MODALIDADE CRÔNICA

1º LUGAR
RAFAEL ABNER SANTOS
 Florianópolis / SC

“DIA DE CLÁSSICO”

* Quarta-feira, 8:10 da manhã, meu celular agonizava com 8% de bateria quando entrei na banca de jornal no centro da cidade de Tatuí, São Paulo.

- Amigo, você faz recarga TIM? - perguntei, segurando o celular quase como um pedido de socorro.

- Faça sim! - disse o atendente.
 - Põe 20 pra mim e me vê um Marlboro solto, por favor.

(O som de uma multidão cantando em coro se aproxima)

- É normal ouvir isso aqui perto da banca?

- Ah, sim, é que hoje é dia de clássico - disse o atendente.

(O som foi engolindo a rua cada vez mais, até que de repente entra um homem correndo na banca de jornal)

- Bom dia, me vê um maço de Marlboro o mais rápido possível e um jornal, o pessoal do ônibus está me esperando... disse o rapaz.

Em um tom depressa e partindo de inúmeros pressupostos, o mesmo rapaz apressado me indaga:

- E você, quer vir com a gente?

- Eu?

- Isso!

- Ir para onde?

- Como assim ir para onde? Não sabe que dia é hoje? Tem vaga no corredor do ônibus em pé - disse o rapaz, saindo da banca e indo em direção ao ônibus.

- Ei, poderia ao menos dizer o que está acontecendo?

O rapaz, com o ônibus já quase em movimento, diz:

- Hoje é dia de consulta com Dr. Paulo da oncologia, rápido, vem! Sobe no ônibus!

- O quê? Oncologia? Como assim uma consulta? Esse ônibus lotado é para assistir uma consulta?

Movido pela curiosidade saltei para dentro do ônibus...

Ao subir os 3 primeiros de-

graus, aquele canto confuso, que talvez pela minha pressa e confusão mental ainda não havia identificado, se tornara cada vez mais forte; não sei se a Marcopolo (fabricante de ônibus) fabrica seus veículos propositalmente pensando na acústica sofisticada, que conscientemente, ou não, existia ali, mas fato era que o corredor do ônibus direcionava toda a vazão sonora em direção à porta, era como se o ônibus fosse fabricado não com o intuito de transportar pessoas, mas de dissociar a psique de quem se encontrava na mesma posição que a minha; a curvatura dos cantos, posição das cadeiras, janelas, exaustores e ar-condicionado milimetricamente alinhados para que a acústica do ônibus todo, convergisse em um único ponto: meu tímpano. Visto o que a realidade me entregava, duvido que esse tipo de detalhe passaria batido pelos brilhantes engenheiros da Marcopolo, fizeram um excelente trabalho!

No momento, em que levantei o olhar para o corredor, não pude acreditar no que via... fumaça e sinalizadores, uma luz verde entrou em minha retina sem que pedisse permissão, me deixando temporariamente ofuscado; o cheiro de euforia tomava o ar, mistura de enxofre, suor e cerveja; bandeiras verdes gigantes, outras de tão grandes enroladas esperando o momento de flamular livre ao vento, dentre elas era possível ver os escritos “Dr. Paulo da Oncologia”. O ônibus estava em festa, com todas as cadeiras ocupadas, eram 64 pessoas alcoolizadas gritando uma só canção: “HOJE É DOUTOR PAULO, MEU CORAÇÃO ESTÁ EM ALEGRIA, DOOOOOUTOR PAULO O MELHOR DA ONCOLOGIA!” Ao que parecia, me encontrava num ônibus da

torcida organizada Dr. Paulo da oncologia do bairro Junqueira de Tatuí - SP, em direção ao seu consultório em Tatuí, e aparentemente, era dia de Clássico...

Dr. Paulo Oncologista iria atender em casa, com seus fãs próximos, o adversário era Dr. Osório da Fisioterapia, um adversário muito forte, com mais de 35 anos na área, tinha mestrado em joelho e doutorado em menisco da perna esquerda (atendia apenas a esquerda devido à sua formação) Dr. Osório era tão metódico que aplicava gelo nos pacientes exatamente 17 minutos e 23 segundos - tempo que, segundo seu estudo publicado no Journal of Knee Left, garantia 0,3% a menos de inflamação; era impecável enquanto profissional!

Dr. Osório, fisioterapeuta, vinha de uma sequência impecável de 3 ótimas consultas, excelentes avaliações de prontuários, sem atrasos nos atendimentos, simpatia, satisfação dos clientes somado aos resultados incríveis, fazia medo ao Dr. Paulo da Oncologia.

Dr. Paulo lutava para quebrar o tabu de 7 consultas perdidas para Osório, sua odd nas casas de apostas era ínfima. Quem conhecia e analisava o esporte sabia da dificuldade que Dr. Paulo teria, (apenas os loucos otimistas - pior tipo de loucura - entram em apostas, já vi gente perdendo a casa nessas coisas) entretanto, Dr. Paulo tinha uma coisa que Osório em 35 anos de carreira, não tinha: o povo! E agora eu fazia parte disso; e de alguma maneira eu queria...

Logo que chegamos, percebi que não tinha ingresso para adentrar na Santa Casa, local onde ocorreria o espetáculo patrocinado pelo Ministério da Saúde e pelo mercado do Miltinho. Foi aí que em um momento de iluminação divi-

na, avistei um cambista (idoso) brilhando sob o sol, como se fosse Deus me ajudando a tentar entender tudo o que estava acontecendo, e me aproximei:

- Ufa, não acredito que achei você aqui, tá quanto o ingresso?

Nesse momento, notei que cometi o maior dos erros de negociações aprendidos em anos de brechó... fui muito afobado, demonstrei interesse demais; ele, vendo como o abordei, poderia jogar o ingresso a 60 reais (pois o espetáculo já ia começar e não tinha outro cambista em volta). Pelo menos era o que eu faria se vendesse para alguém tão ingênuo como eu.

- Depende... É para pauliano ou para osorense?

Sorrindo, constatando a fraca habilidade de negociação e ingenuidade do cambista, disse:

- Aqui é Dr. Paulo, desde criança, pauliano é tradição na família!

- Ahhhh, então é 10 reais.

- Me vê 2!

Nesse momento, eu gostaria que alguém me explicasse por que eu comprei 2 ingressos? Bom, nem eu sabia.

- Aqui nós vendemos para todos os lados, mas me aquece muito o peito quando vejo alguém da sua idade, pauliano. É sempre um prazer vender para quem acredita na mesma coisa que a gente, alegria é encontrar um dos nossos!

De imediato, o que eu achava que era ingenuidade pelo baixo preço, era, na verdade, companheirismo, camaradagem, o ingressante me contou que sua paixão pelo Dr. Paulo começou quando foi consultado com suspeita de câncer no fígado e Dr. Paulo disse “num é nada” desde então sentia que era parte da sua missão entrar para a organizada de Dr. Paulo.

Nesse momento, constatei que fui “sujo do mundo” para comprar o ingresso, fui com a

guarda alta e o cambista me dera uma rasteira sem esforço algum, como quem coloca uma criança para dormir no berço, com um carinho genuíno pelo brilho no olho, e o pior de tudo, ele me fez olhar de frente para minha percepção da realidade, me vi contra mim mesmo... é muito estranho compreender algo que o peito sente pela primeira vez... poderia alguém, tendo a oportunidade que tinha o cambista, preferir amizade ao dinheiro? Eu nunca havia feito parte de um grupo sustentado por algo tão genuíno, ou sentido coisa parecida em meu peito; no final, entendi, o cambista também era pauliano, assim como eu, éramos iguais, um só.

Tomado pela euforia, e agora com um ingresso a mais, pensei em doá-lo para tornar o dia de alguém mais feliz, como o meu, contudo teria que ser rápido, pois os portões da Santa Casa já iriam fechar, me obrigando a entrar pela emergência, o que todos sabem que dá azar.

O cheiro de espetinho de carne com frango vendido na porta da Santa Casa pelos comerciantes tomava o local, só que me deparei com um problema grande, talvez o problema já antes identificado pelo cambista. Como saber que torço para o Dr. Paulo? Eu não estava uniformizado! Não poderia entrar no consultório sem estar vestindo o manto verde sagrado, e parecia que Deus estava mesmo do meu lado, pois avistei um vendedor ambulante vendendo jalecos do Dr. Paulo da Oncologia:

- Fala amigo, por um acaso estava passando por aqui, e só de curiosidade, gostaria de saber o preço desse jaleco aqui! - disse, apontando para o jaleco que parecia ser 2º uniforme do Dr. Paulo, era todo verde escuro com os escritos “Dr. Paulo da Oncologia Campeão Mundial”

MODALIDADE CRÔNICA

2º LUGAR

ROBSON CASTRO VIANNA

Itu / SP

"PONTO E VÍRGULA"

Gente, o que é do ponto e vírgula? Um mistério. Ninguém sabe, ninguém viu. Ou viu, mas já não lembra onde foi. A verdade é que, me parece, ele ainda existe e anda pra lá de esquecido. Assim como eu.

Digo isso porque há pouco tempo, enviei uma informação a um amigo meu, coisa banal, por e-mail, que já quase nem se usa. Ele respondeu mais tarde. Não se ateu ao conteúdo da mensagem, mas ficou impressionado porque, lá no meio do texto, eu havia me utilizado de um ponto e vírgula.

"Quem, hoje em dia, usa ponto e vírgula?", ele perguntou. Não respondi, que eu não sou besta. E se respondi, devo ter dito que foi um engano. Mas a partir daí, foi a minha vez de ficar impressionado. Sou mesmo distraído. Nem me dei conta que o coitado agoniza e ainda fui lá, cutucar e prolongar sua agonia.

E pensei no assunto com um pouco mais de atenção. Pois é verdade, o ponto e vírgula é mesmo uma figura que vive no limbo. Nem é ponto e nem é vírgula, muito pelo contrário. Nem masculino, nem feminino. Ou os dois ao mesmo tempo, um caso raríssimo de hermafroditismo no ambiente dos sinais linguísticos.

Lembro, sem saudade, do trema. Com sua mania de viver por cima, com ar de superioridade. Sempre cansado, vivia na horizontal enquanto o irmão, o dois pontos, seguia firme na labuta, de pé, alerta. O trema era esnobe e preguiçoso e deve ter sido por isso que desapareceu na última reforma e ninguém deu por falta dele. Deus o tenha! Enquanto o dois pontos se apresenta elegante, simétrico e equilibrado, o ponto e vírgula parece manco, irregular. Desculpem, estou sendo politicamente incorreto. Melhor seria dizer: portador de esquisitice ortográfica. Não, talvez fique pior e não tenho intenção de ofender ninguém. Mas o fato é que ele sente-se triste, esquecido e desolado, talvez adivinhando o mesmo destino do trema, cujo início do fim foi parecido.

O coitado do ponto e vírgula é singular: só existe em teclado de língua portuguesa, avesso a essas coisas que vêm de fora, moda estrangeira. E, no teclado, é bem discreto: contenta-se em ficar ali num canto, vizinho do til, sem contato demasiado com outros símbolos, quase um antissocial. Hoje, todo teclado digital que se preze segue o padrão QWERTY, assim chamado devido à sequência inicial da primeira fila de letras. O ponto e vírgula nunca fará parte de um novo padrão, caso, um dia, apareça um outro. Porque não é letra e, sendo assim, não subirá na escala social

dos teclados da vida; também não ascenderá a esferas mais altas na classe dos símbolos da cultura ocidental. Na cultura oriental, então... nem pensar! Isso seria permitido, no máximo, aos algarismos. E olhe lá!

Quando eu era criança, meu pai comprou uma máquina de escrever, que já era bem velhinha quando chegou e passou a fazer parte da família.

Chegando aos meus 9, 10 anos me era permitido manusear aquela máquina, ainda que brevemente. Tiveram, nessa época, seu apogeu, as máquinas de escrever. Porém, aquela e todas as outras foram-se para sempre. Mas deixaram sua marca indelével, que a moçada atual nem desconfia: é o tal padrão QWERTY. E por que volto a citar o tal padrão? Porque é o legado deixado aos teclados atuais, trazido das antigas máquinas de escrever e seu velho teclado mecânico. Dizem que a disposição das teclas não surgiu ao acaso, há alguma lógica na escolha. Creio que nunca desvendarei ou entenderei esse segredo. Já o ponto e vírgula não se importa com isso; está mais preocupado com sua própria sobrevivência. E a moçada — por incrível que possa parecer — deu-lhe até uma sobrevida, quando o adotou como emoji, feito com sinais tipográficos. Um alento!

Opinião, ele tem. Na verdade, ele tem uma opinião a respeito de tudo, mas prefere não revelar porque é inseguro. Não sabe se concorda ou discorda. Afinal, faz parte de sua natureza, uma vez que não definiu se tende a ser mais ponto ou mais vírgula. Ou menos. Desconfia que é uma pausa: uma pausa mais forte que a da vírgula, porém menos que a do ponto. Ou será o contrário?

Sei lá...

Por fim, meu amigo, quero sair em defesa deste ser indefeso e discriminado. Quero dizer que ele também é gente, ainda não morreu e merece todo o nosso respeito. Resolvi que sou contra a eutanásia do ponto e vírgula.

Ao longo da história da língua portuguesa ele tem sido humilhado, incompreendido, renegado a um papel secundário. E por que isso? A quem interessa acabar com o ponto e vírgula? Que interesses escusos se escondem atrás desse movimento? E onde está a Associação de Proteção ao Ponto e Vírgula, que não faz nada? Uma lástima!

Quero encerrar, enfim, minhas considerações, totalmente solidário com sua instabilidade e insegurança. E quero encerrar, não com um ponto final, mas com um belo e sonoro ponto e vírgula. Fica aqui meu protesto.

»»

2012". Fiquei maravilhado, mas agora mostrando bem menos desespero na negociação, pois não sabia se esse ambulante era tão pauliano quanto o cambista. Na dúvida, melhor prevenir o bolso.

- Claro, amigão, tá 30!

- Faz por 20?

- Para Pauliano sempre!

Assim, estava eu pronto para a consulta do ano e com um ingresso a mais, quando me dirigia a caminho da Santa Casa, por um instante tudo ficou em silêncio... era como se eu conseguisse escutar a voz da minha reflexão: Os paulianos (Amantes do Dr. Paulo, junto com a torcida organizada do Coveiro Junior Oliveira, eram as pessoas mais perigosas da região. Geralmente, a torcida era associada ao território mais pobre da cidade, com alta taxa de criminalidade, mas de alguma maneira sentia que um Pauliano jamais faria mal a outro pauliano. Abraçado por essa sensação de conforto, rompendo de maneira doce o silêncio, as vozes conglomeradas começaram a chegar em meus ouvidos, cada vez mais, até que se era possível ouvir o grito "Uh, Oncologia é Dr. Paulo, dele todos têm medo! Se machucar o joelho, é só por gelo", clara provocação a fim de desestabilizar o fisioterapeuta Osório.

Mas no que tinha me metido? 40 minutos atrás, nem sabia o que estava acontecendo, e agora estou aqui, uniformizado e com dois ingressos. Teria me deixado levar pelo encantamento causado pelo sentimento humano mais puro? Encantamento das ruas somado ao seu povo nela? Teria sido a curiosidade? Em ver centenas de pessoas com um só objetivo e tentar entender o que estava acontecendo? O que me trouxe a isso? Quais são os pilares da minha decisão? Bom... ainda era muito cedo para uma análise, mas de qualquer maneira, era prazeroso ver aquela multidão andando em direção à Santa Casa: Homens, Mulheres, crianças sorrindo nos ombros dos pais; idosos chorando nos ombros dos netos, pessoas em cadeira de rodas, gente sem

amor sorrindo, gente sem sorrindo amando, gente com cicatriz mostrando que já tinha feito cirurgia com Dr. Paulo, tinha até cicatriz autografada, enfim... gente de todo tipo, mas de verde!

Todos sabiam que estariam prestes a prestigiar uma etapa da história, teriam a oportunidade de ver em atuação, e no auge, Dr. Paulo da oncologia, momento esse que contarão aos netos.

No fim... não me importava mais a consulta histórica, Dr. Paulo poderia até mesmo perder, pois todo esse momento vivido até aqui já teria me valido a pena. Seria vivência, esse algo mais do que mera adequação ao meio, mas sim a justificação de pertencimento ao meio? Eu sentia que pertencia a cidade de Tatuí, tudo aquilo era meu, a identidade que adquiri ali me moldou e me transformou em outro, sentia que a cidade era minha.

Não era como se houvesse vazio a ser preenchido ou a ser criado para preencher, não era isso, era como se algo me explicasse o que já estava aqui no meu peito há muito tempo, era como se eu fosse a completude por ter dado: nome, cor, cheiro, som, ao que estava no meu peito, não tinha mais vergonha, não existia timidez, era como se eu pudesse dirigir a palavra a qualquer pessoa que estivesse de verde, mesmo nunca havendo visto essa pessoa antes, tudo partia de um lugar já justificado, não me importava mais em como as pessoas me viam, porque lá no fundo, eu estava completo, tinha finalmente entendido a verdade da vida, sabia que era um Pauliano, cria do solo em que pisava, aquele lugar era meu justamente por eu ser dele, sentia sensação de que nem a morte era mais um problema, nada precisava temer, pois tinha amigos! Essa noção de justificação de pertencimento ao mundo me mostrou o que há muito tempo não via, que até a terra de verde se veste em homenagem ao Dr. Paulo da Oncologia.

E vos informo... nesse dia, Dr. Paulo amassou o Dr. Osório da fisioterapia.

MODALIDADE CRÔNICA

3º LUGAR

ANGEL CESAR DOS SANTOS

Rio de Janeiro / RJ

"AULA DE HISTÓRIA"

Já quis ser de tudo nessa vida. Goleiro, lutador, artista plástico, apresentador de TV, músico, padre e até vendedor de cachorro-quente. Acho até estranho como não desejei ser astronauta ou piloto de avião — talvez meu medo de altura. Tudo superado por essa danação chamada literatura. Há quem consiga equilibrar uma vida multitarefa. Eu não.

Desdobrar-me em vários exigiria memória digital e a minha está mais para Polaroid, apaga-se com o tempo.

Uma das áreas em que quase meti o pé foi a história. Não, nenhum feito notável realizado por mim. Falo de magistério e aulas acerca do Brasil, estrutura de povos, colônias e narrativas da agenda de qualquer professor. Desisti. Os trambiques escondidos em atas e cartas duvidosas, a começar pelo próprio descobrimento, levado adiante na base da fofoca, deixaram-me ressabiado. Como repassar fatos cuja verdade advém das futricas do boca a boca e não é o que aparenta ser?

Observe, por exemplo, como lidamos com a crença dos Antigos Gregos. Pura linguagem literária, personificação e cochicho de ouvido em ouvido. E o Descobrimto?

Deram nome a um vago território, pegaram umas índias moradoras do local e, pronto, nasceu o Brasil — tomado e não descoberto.

Imagino, também, mitos surgidos das fofocas de janela. Duas senhoras debruçadas sobre seus parapeitos comentam sobre como Cristóvão Colombo teria roubado a teoria da terra esférica de marinheiros mais rodados, ou mareados, que ele. É como diz o ditado: nada se cria, tudo se copia. E até o ditado foi surrupiado de Lavoisier na cara dura, pois o correto seria nada se cria, tudo se transforma. O povo fala, aumenta e as fofocas mudam o rumo do mundo.

Não pretendo trair os professores, mas no fundo gostamos mesmo é de um fuxico. E é pensando nisso que me ponho a fuxicar sobre as descobertas e seus enganos depois da nossa civilização. Se hoje temos escavações, arqueólogos, tecnologias e botamos o bedelho inventando teorias como terraplanismo, Ratanabá e lua oca, o que o futuro nos reserva?

Presumo que daqui a centenas de

anos nossas mentiras e exageros serão desenterrados. Os habitantes do planeta — azuis, verdes, transparentes ou como os de hoje, futriqueiros — descobrirão o nosso legado contemporâneo: contradições intelectuais e ideológicas, antiquadas para eles. Tudo será estudado, organizado e catalogado. As descobertas seguirão para exposições. Os fatos, recriados no seguinte cálculo de tempo: o passado — nosso presente — será desvelado para esse futuro, presente deles. Devido ao avanço mental, suspeito processos telepáticos em auxílio a robôs. Entre os artefatos encontrados, incontáveis bitucas de cigarro — comprovação de nossa catarse tola — carrocerias de raros Rolls-Royces — tidas como brinquedos de criança — e uma exagerada quantidade de armas. Concluirão ser essa antiga civilização composta por tribos territorialistas, conquistadoras e autodestrutivas. Em algum momento, trarão à luz infinitas latas e garrafas. Depois de minuciosa análise, o veredicto: Homo Entornus ou Homo Bebuns. Entre frascos, outdoors coloridos da Coca-Cola, todos com o mesmo formato, cor e descrição. Um estardalhaço tomará conta da mídia (ou de uma mente-mãe que tudo observa — como o Grande Irmão criado por Orwell em seu livro 1984). O espanto será generalizado. Filhos indagarão a seus pais sobre a antiga espécie. Como não faço ideia da linguagem utilizada por eles, seria algo como a nossa.

— Pai, sabe o que aconteceu há centenas de anos (acessando uma matéria jornalística, publicada diretamente no córtex pré-frontal)?

— A autoextinção das espécies.

— Mas não eram inteligentes?

— O bastante para se destruírem. Não passavam de macacos pouco mais evoluídos.

— E você soube o que os arqueólogos encontraram? Vários recipientes contendo um líquido escuro, açucarado, além de imagens dessa tribo bebendo e comemorando. Pareciam tranquilos e felizes, embora o comércio de armas movimentasse a economia. Havia também uma inscrição, acho que Coca-Cola. O que significa?

— Ah, meu filho, era o nome do Deus deles.

PRÊMIO GALARDÃO

ANDRÉ BUENO KAIRE

Tatuí / SP

"CORREDOR"

Quando a gente está em um corredor de algum lugar esperando, tanta coisa acontece dentro da gente...

E fora também.

- Quantas horas? Quanta espera? Quanto tempo? Quanta dor? Quantas batidas de um coração inquieto?

Quando a gente está num corredor estreito, feio, frio, longo... O que será que se passa?

Aqui dentro... Lá fora.

A chave gira na porta. Um cheiro estranho no ar. Sons de saltos altos explodem no corredor.

O que será? O que será que se passa? Vidas urgentes acometidas por tantas coisas. E de repente, tudo o que eu era, suspirou.

E na madrugada alta todas as coisas estão de partida. Até mesmo aquilo que nem chegou... Pode ser um olhar, um sorriso, um abraço... A morte sorradeira e impiedosa aguardando o próximo no corredor. Quantos anos elas têm? Quantas mortes já viveu?

Quantas vidas sentiu pena de findar?

O que será que acontece quando a gente está num corredor e escuta as bombas e mísseis devastando Israel? Quando será que isso tudo acaba? Os ataques que destroem as cordas do coração? As fibras dos ossos? Os sonhos da gente? Quando isso

acaba?

O que acontece quando a gente está num corredor longo, frio e feio... Esperando... Esperando... Um procedimento padrão?

O corpo entregue num banquete sem grandes cuidados e beijos de namorados.

Apenas, um pano escondendo o que em seguida, será exposto. anesthesiado. aberto.

serrado. removido... E por fim, costurado. A morbidez nunca foi tão espetacular...

Todos os corredores te levam para um encontro consigo mesmo. A chave gira na porta novamente. Mas agora, eu estou sozinho, sabe?

E nesses corredores a gente vai se desfazendo feito neve quando o sol aparece. E até então, ninguém estava ali quando a neve precisou... Ela apenas esteve ali, sozinha, o tempo que aguen-

tu. Num corredor... Quanto tempo a gente aguenta? O peso das coisas... O peso dos ombros... Do choro... Das dores dilaceradas lá no fundo do peito...

Quanto a gente aguenta?

Uma vida inteira!

Porque viver é estar constantemente num corredor e nunca desistir de tudo que ele exige, impõe, empurra, joga...

No fim do corredor, eu estou imóvel numa maca, apagado. Completamente entregue e longe de toda consciência que mantém os olhos bem abertos, a boca em poesia e os ouvidos em melodias nunca antes dançadas... Quantas horas? Quanto tempo? Meu corpo aberto. exposto. sangrando. Ardendo em epifanias das quais não me lembro

mais, mas sei que elas vieram e me abraçaram como uma mãe deixando seu pequeno, num primeiro dia de escola...

- Quanto tempo? Quantas horas? Para raspar e limpar tudo que infecciona? Agride? Machuca? Até que tudo se torne crônica?

- Quanto tempo? O peso das mãos esmagando meu crânio enquanto parte dele era serrado?

- Quantas horas para que cada pedacinho desse lugar estreito, minúsculo e escuro fosse limpo?

- Quanto tempo a carne trêmula em minúsculos traumas gerados secretamente?

De volta ao corredor... A gente se dá conta de que venceu!

- O que será que se passa num corredor quando a gente volta?

Várias coisas novas nasceram no meu ser. Tenho a impressão de que chovia lá fora...

Mansinho... Mansinho... Feito música.

Qual música será que toca num corredor? Quantos e quais sons têm nela? Qual a cor dos sons quando a gente se dá conta de que venceu?

O peso das coisas.

O medo das coisas.

O peso nos ombros.

O choro no peito.

O peso da dor.

A encruzilhada que não dorme.

E não esquece...

Enquanto tudo vai ficando para trás num corredor...

MODALIDADE CRÔNICA

PRÊMIO GALARDÃO
ODIMAR JUSTINO MARTINS PROENÇA

Tatuí / SP

"IMORTAL"

É inquietante pensar num homem pela sua imortalidade, uma vez que somos todos mortais; para analisar esta proposta, precisamos entrar na vida do escritor entre sua "Alma Cabocla" e seu "Confiteor" ("eu confesso", em latim), quando a morte lhe avizinha o medo, longe dos passos firmes de Paulo, no dia 27 de julho de 1935, na Avenida das Nações Unidas (atual Avenida Presidente Wilson), na cidade do Rio de Janeiro, no prédio que é uma réplica do Petit Trianon (um palácio construído na França, no século XVIII pelo Rei Luís XV, nas proximidades de Versailles), numa noite engalanada e solene quando Setúbal, órfão do pai Antônio de Oliveira Leite Setúbal aos quatro anos de idade, ao vestir o Fardão de Imortal da Academia Brasileira de Letras, deve ter imaginado certa furtiva lágrima nos olhos da mãe Maria Tereza de Almeida Nobre, que criou sozinha os nove filhos.

O nosso escritor era, como podemos dizer, mestre em suscitar as diversas camadas humanas que acompanhavam os nomes dos personagens que reproduzia em seus textos, immortalizando pessoas comuns, como "nhá Carola" dos poemas de "Alma Cabocla", uma senhora "... que o dia se engala de tanta luz e tanta cor..." ele vinha para abraçá-la "... ouvir de novo essa fala, sentir de novo este amor" ou a jovem Chiquita, que "... De estranho tédio ferida..." veio "... passar nos campos um mês..." deve ter levado na bagagem um poema para mostrar "... no seu colégio francês". Paulo era tão rico em nomes que até as suas duas vacas da infância tinham os simpáticos nomes de Morena e Manteiga, quantas metáforas, metonímias e prosopopeias, semoventes criaturas ouviram no caminho até o pasto.

"Excusez-moi"! Paulo Setúbal era esplêndido ao compor os nomes de seus personagens. Na obra "Um sarau no paço de São Cristóvão", são inúmeros os Arquiduques e Arquiduchesses, Duques e Duquesas,

Marqueses e Marquesas, Condes e Condessas, Visconde e Viscondessas, Barões e Baronesas, que se reúnem num espaço da Côrte em diálogos cheios de salamaleques e um poema em francês da "Marquesa de Gabriac".

Sua predileção por nome, em suas obras, é tão significativa que no livro "A Marquesa de Santos"; o nosso escritor cita o nome Domitila, prenome de Domitila de Castro Canto e Melo, por 272 vezes, e não são só nomes que Setúbal amava introduzir em suas obras, mas também, cronologia, com datas tão bem elaboradas no tempo e no contexto da obra, e que se pode ver também tanto na "A Marquesa de Santos" como em "As maluquices do Imperador" e "Confiteor".

Mas ninguém foi mais importante, para o escritor Paulo Setúbal que o professor Francisco Evangelista Pereira de Almeida, ou melhor, "seo" "Chico Pereira" que, acreditando em sua capacidade, sugeriu à sua mãe que o levasse para estudar na capital, ficando este professor immortalizado em "Confiteor", sobre o qual eu nem ousa sintetizar as palavras: "... Antes de ir-me de Tatuí, que eu não tornarei a ver tão cedo, preciso falar aqui de um homem rico que lá vive. De um homem rico, rico. Porque, amigo, não sei se você sabe, na minha terra há bastante homens ricos. Mas esse é o homem mais rico da minha terra. Da minha terra só, não. Pelas cidades por onde andei, por países vários em que vivi, eu conheci, mais tarde, outros homens ricos, outros e muitos, que eram mais ricos do que os homens ricos da minha terra. Pois esse, o de que falo aqui, é ainda mais rico do que os homens ricos que eu conheci. Pouca gente da minha terra, sabe disso. Muito pouca gente. Como sabê-lo? Ele é um simples, humilde, professor de escola primária. Foi meu primeiro professor. Chama-se: seo Chico Pereira".

Paulo sucedeu a João Ribeiro, na Academia Brasileira de Letras, e em seu discurso, disse em bom francês:

"Il est des hommes à qui l'on succède, mais que personne reemplace" ("Há homens que são bem sucedidos, mas ninguém os substitui"). "Historiador, filólogo, folclorista, crítico literário, jornalista, escritor fantasioso, poeta, tudo João Ribeiro foi."

Para Paulo Setúbal, suceder é continuar, contudo, sem ser o outro, começar do caminho que outros já percorreram, continuar a obra interminável.

Paulo falava de pessoas e de seus detalhes mais íntimos. Tratava os lugares pelas circunstâncias, onde a própria emoção caminha pela paisagem entre o encanto e desencanto; Setúbal descreve bem as minúcias dos acontecimentos, que na obra "As maluquices do Imperador", ele descreve de forma requintada a transformação da Sala dos Despachos em câmara mortuária, onde repousa o cadáver da rainha "Maria, a Louca", uma velha de oitenta e dois anos. "... As mãos em cruz, muito longas e maceradas, um sorriso esvoaçante gelado na boca, a morte está paramentada de grande gala", assim como também descreve "Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, violinista folião, cantador de lundus (peça apenas cantada, que foi bastante popular nos salões aristocráticos, do final do século XVIII ao início do século XIX), se tornasse em breve, no cenário do Brasil, personagem do mais alto destaque, Comandante da Guarda de Honra, Secretário Privado, Conselheiro de Estado, Comendador do Império, grande favorito do Príncipe" - um personagem real da História do Brasil - menos citado, nos dias de hoje.

Deixou-nos "Confiteor", uma obra inacabada em que conta sua própria história. Poderia aqui o professor Chico Pereira dizer uma frase de um dos escritores preferidos de Paulo, Voltaire: "Os homens erram, os grandes homens confessam que erraram."

A noite engalanada na Academia Brasileira de Letras, que seduz qual-

quer homem pelo tom cerimonial e memorável, a tudo aquilo que fica além do olhar, como se pudesse fechar os olhos e continuar vivendo o momento. O impossível deixa de ser um horizonte e os pés, por uma fração de segundos, pisam o céu. A jornada conclui-se e o que se vê agora é toda a beleza do caminho.

"Le plus grand plaisir dans la vie, c'est de faire les choses que les gens disent impossibles." - ("O maior prazer na vida é fazer as coisas que as pessoas dizem impossíveis").

Mas naquele dia, havia em Paulo a pressa, tinha que voar, teria as mãos de uma velha branquinha, a cujos pés iria ajoelhar-se e dizer:

- "Minha mãe, Deus lhe pague!"

Entretanto para um homem com tantos nomes e personagens, seria conveniente que, ao terminar o livro "Confiteor", Paulo Setúbal nos desse, num extremo esforço de gentileza, para tornar a realidade mais amena, aprazível, aos nossos anseios de curiosidade alheia, a confissão de um único nome:

SÓ TU

"Dos lábios que me beijaram,
Dos braços que me abraçaram
Já não me lembro, nem sei...
São tantas as que me amaram!
São tantas as que eu amei!
Mas tu – que rude contraste!
Tu, que jamais me beijaste,
Tu, que jamais abracei,
Só tu, nesta alma, ficaste,
De todas as que eu amei."

Para reverenciar o escritor Paulo Setúbal, faço lembrar o livro e o também filme "O nome da Rosa", de Umberto Eco, cuja frase final do livro em latim "stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus", cuja tradução literal é: "a rosa mantém seu nome original, mantemos os nomes nus", ou numa outra tradução, "quando a rosa deixa de existir, dela nos resta apenas o seu nome", e no filme, a extraordinária frase:

"Do único amor terreno de minha vida não sabia e nunca soube o nome"

MODALIDADE CRÔNICA

PRÊMIO GALARDÃO
RENATO JOSÉ DE ALMEIDA

Tatuí / SP

“VISITA A PAULO SETÚBAL”

Alvíssaras! Os livros adquiridos num sebo, escritos por Paulo Setúbal, enfim chegaram. Uma bela coleção literária, com capas a se ilustrarem por gravuras, traçadas em grafite, revelando em preto e branco a essência da história. Um grande achado para biblioteca de um bibliófilo. Meus!

Posiciono a coletânea em lugar de destaque na estante. Menos um. O “Alma Cabocla” me fará companhia, afinal, prateleiras se enriquecem com livros fechados. Mentos, livros outrora abertos.

Deslizo os dedos por sua frente amarelada, onde a figura de um carro de boi me transporta por agradáveis lembranças pueris no sítio da família. Resisto à máxima, mas como não julgar procedente à minha emoção o livro pela capa?

Folheio a obra escolhida... e a história de um renomado literato se revela a meus olhos. O prefácio narra sua biografia nesta terra tatuiana da qual também sou filho. A vida campônia (título de uma de suas poesias) que desfrutou é tema que muito me agrada; a formação em direito e atuação como jornalista me permitem criar um elo imaginário, ante a coincidência de nossas formações; os desafios no padecer com a tuberculose me levam a torcer pela cura de quem já está na luz; a história na política e na religiosidade é inspiradora; os valiosos feitos alcançados na literatura me fazem sonhar.

A leitura instiga a visitar o museu da cidade, do qual Paulo Setúbal é patrono. Entro na sala dedicada exclusivamente ao escritor, e sua existência parece se personificar por meio do fardão exposto, traje que o honrou como membro da Academia Brasileira de Letras. Pelo tecido, ramos de café, bordados em fios de ouro, revelam a magnificência

da imortalidade. Pego-me em reverência, como se diante da realeza.

No espaço, é possível contemplar a caligrafia de Paulo, deparar-se com excertos de seus pensamentos, ser tocado pelos sonetos de suas composições. A cada passo, a prosa com o autor se estende, intensificando minha intimidade de leitor para com o escritor. Dos pertences do anfitrião, sua aura flui como uma leitura contínua de capítulos ao epílogo. Encantos do museu, verdadeiro livro tridimensional.

A conversa com o imortal não se encerra. Oxalá, seja eterna! Um desejo dicotômico se instaura. O contato com o escritor é recente e permanente, mas já me inquieto pelo dia em que consumirei toda a sua obra.

Com o livro em mão, torno a mergulhar no rio caudaloso de suas palavras, desaguadas em páginas a se folhearem como banzeiro manso.

As poesias expressam a pureza do arento e versejar e rimar, com a paisagem bucólica a se desenhar no horizonte da imaginação, proporcionando vivência interiorana até a quem a desconhece.

Desfruto da imersão no eu lírico do poeta a se fundir ao meu. O pensamento vaga por experiências lembradas diante da métrica caipira. Sinto o sabor da infância quando, em meio ao mugir de bezerras, bebia do leite ordenhado da vaca, espumante na caneca com chocolate em pó.

Os versos confessam o carinho que Paulo tinha por Tatuí, à sua gente sertaneja, que se deslocava em carroças ou lombos de baios, vivia em ranchos ou fazendas, laborava em terreiros de café e comiam broas de milho.

Rimassão dedicadas a campo-

neses que, de vilotas ou áreas rurais, passaram a habitar poemas culturais. Guiomar, Dona Margarida, Sinhá Ana, Forasteira, Seu Juca, Nhô Lau. Personagens caipiras, versados em ritmo parnasiano, ganham destaque atemporal.

A exaltação da natureza é nítida nas poesias. É possível sentir o cheiro da infinidade do verde que descreve. A pele encarde-se do contato com a terra por entre as estrofes. Pé Vermelho.

A menção às áreas urbanas mostra quão Tatuí cresceu desde então. Ah, se Paulo pudesse ver como sua vila rude prosperou! De capelinha a Basílica; de barbeiro a personal stylist; do largo da matriz à praça com coreto a abrigar eventos culturais; da terra triste à agitação de transeuntes-carros-motos-ônibus-buzinas...

Feliz por conhecer a Tatuí em que habitou, lamento por não poder ler a atual por meio de sua escrita. Como descreveria a passarinhada buliçosa em voo aos fins de tardes na praça central? Certamente não faltaria menção às frondosas copas das árvores a esverdearem a paisagem urbana. Teríamos mais rimas a verterem de seu paladar no degustar da crocância do bolinho de frango e da textura dos doces ABC.

As festividades culturais presentes na cidade comporiam seus textos. O Pinheirão da Praça da Santa, enfeitado no Natal, seria eternizado em versos, como luzinhas piscapisca em árvore natalina. Declamações sobre a Feira do Doce nos deleitariam em audições melosas, sorrisos gulosos. Talvez só lhe faltassem palavras nas constantes homenagens recebidas anualmente no desfile cívico.

É possível imaginar as notas musicais, ecoadas pelos alunos do conservatório, por ele

caligrafadas com poeticidade numa partitura. Clave de Sol a iluminar os quatro pontos cardeais de Tatuí; sustentado a acompanhar tropeiros por esta terra a cavalgar; Dó-Ré-Mi-Fá a estalar no metrônomo, dando o ritmo aos lavradores em tempo de colheita.

Na literatura, hoje, Paulo encontraria discípulos. O talento está enraizado neste solo, no qual plantou prosa e poesia e fez nascerem escritores. Poemas de Cristina Siqueira serpenteiam-se como açúcar de literato por murais e pontos turísticos. O museu tornou-se palco de lançamento de livros. No concurso literário que o homenageia, a cada ano conhecemos novos tatuianos dedicados à escrita.

Há tanto para contar ao escritor sobre sua amada terra... tanto ainda para o ler... e quanto mais o leio, mais quero lhe contar, que já não sei mais se o leio, ou lhe escrevo. E, assim, seguimos em prosa literária.

Anfitrião de minha leitura, tornou-se destinatário destes pensamentos grafados, os quais lhe dedico. Sonho alto de um aprendiz em ser lido por tal consagrado. Mas esse não é o único obstáculo. Como alcançá-lo, se em outro plano? Transcender a imortalidade? Imortalidade...? Sim, imortalidade!

Se palavras são imortais, então, possuem a dádiva da eternidade. A escrita permite, assim, o cruzar do portal além-vida. Se a carregar de minha força anímica, porventura seja possível alcançar o pai de Alma Cabocla. Portento aspirado.

Minha coletânea de livros de Paulo Setúbal restaria, pois, incompleta, afinal, o escritor não se contentaria em somente receber notícias tatuianas. A biblioteca celestial seria contemplada por suas novas obras.

MODALIDADE POESIA

1º LUGAR

VALDIR SOARES FERNANDO

Jaboatão dos Guararapes / PE

“O BRASIL QUE MORA NO MEU NOME”**I – O nome que nasceu do barro e do rio**

Meu nome é o primeiro som que o vento aprendeu.
Antes da cruz, antes do ferro,
antes da palavra que alguém já escreveu;
meu nome já morava na folha que cai devagar,
no casco da tartaruga,
no susto leve da caça que pressente
todo e qualquer silenciar.

Sou Jaci refletida nas águas,
sou Aruanã na correnteza dos peixes,
sou Potira entre as palmas que dançam na aldeia.
Meu nome tem cheiro de urucum e de roça queimada,
tem o ritmo do maracá e o descanso da rede.

Foi sem tinta, mas com voz, que aprendi
A ver meu mundo e minha vida foi contada.
Chamaram-me de selvagem porque não me entendiam.
Meu nome não cabia na moldura da missa.
Meu nome se recusava a ajoelhar.

Iracema me chamaram em romance de pena branca,
mas eu já tinha nome antes de virar personagem.
Era som de pássaro, era raiz sem tradução.
Pindorama era minha pátria,
e nela voz alguma iria faltar.

II – O nome que sobreviveu no tambor

Meu nome chegou acorrentado,
mas jamais se calou.
Veio na barriga dos navios,
com os pulsos amarrados,
mas numa memória que nunca se soltou.
Sou filho de Ayomide, que sorria mesmo em pranto,
irmão de Ogum, que caminhava com faca e flor.
Sou Dandara, sou Zumbi, e só meu canto
foi o que restou quando tentaram apagar tudo.
Roubaram-me o sobrenome e o ardor.
Me deram batismo com língua de ferro.
Me chamaram de Bento, de Jorge, de Ana,
como se nome fosse esquecimento.

Mas eu sabia:
no fundo da senzala, meu nome dançava
escondido no batuque, em alento.
No couro do tambor,
no corpo da dança, no sofrer da noite...
no fiapo de reza que misturava Deus e Exu.
Minha voz aprendeu o destemor,
mesmo ante o silêncio e o açoite.
Sou Zumbi, mas me chamaram João.
Sou quem resistiu sem altar nem espelho.
Na palma da mão,
escrevi minha origem com calo e fogo.
Meu nome não morre:
ele ecoa na roda, na roda que gira
e ainda gira,
e se morrer, eu volto de novo...

III – O nome que chegou com espada e cruz

Meu nome vinha nos mapas,
nas cartas náuticas,
nas bulas papais
com tinta e bênção.
Fui Fernão nas velas,
Maria Quitéria nos tambores da guerra
Duarte nas espadas,
De bases imperiais.
Aportei trazendo fé e ferro.
Trouxe a língua que ensinava a ler
e a mesma que ordenava esquecer;

E apaguei o que era falado com os pés.
Meu nome entrou nas igrejas,
nas moedas, nas ruas principais.
E calou outros que também queriam falar.
Meu nome trouxe missa,
mas não ouviu reza de terreiro.
Batizei corpos que já sabiam o nome do mundo.
Escrevi decretos, leis e tratados,
também queimei memórias orais
que dançavam ao redor do fogo.
Não li os rostos calados que me recebiam
com olhos de selva.

Se sou herdeiro de reis,
sou também de silêncios impostos.
Se deixei bibliotecas,
Hoje, carrego meu nome com culpa e com dúvida.
Quero ouvir o que não escutei.
Quero aprender a ficar quieto,
quando a voz que fala
não é a minha,
É aquela que matei...

IV – O nome que somos

Hoje, sou o que sobrou depois do apagamento,
mas também sou o que resistiu no eco.
Sou Iracema no grito da terra,
Meu nome é flecha, corrente e papel.
sou Maria, de olhos no firmamento.
Carrego o barro da mata,
sou Zumbi no passo da guerra,
a cicatriz do tronco e as aves do céu.
Sou o selo carimbado dos decretos
que me moldaram sem ouvir minha voz.
Brasil me chamaram,
mas esqueceram de perguntar meu nome primeiro.
Me deram nome de batismo,
mas roubaram o de nascença.
Disseram que me descobriam,
mas eu já me conhecia.
Sou Pindorama coberta de cruz.
Sou Terra de Santa Cruz com dentes cerrados.
Sou Brasil — mas com letras ausentes
Hoje escrevo meu nome inteiro.
Com voz de árvore, tambor e saudade.
Com sílabas que aprenderam a doer em silêncio
e agora cantam.
Não sou passado, nem sou futuro;
Estou reaprendendo a me escrever.
Sou o agora costurado por três memórias.
Sou o país que mora inteiro no nome que carrego.
E quem diz meu nome certo... há de me devolver.

MODALIDADE POESIA

2º LUGAR
ANDRÉ LUIZ DIAS PINTO
 Cavalcante / GO

“LUA NEGRA”

É sexta-feira
 fim de tarde
 quando a Primeira Mulher nasce no Jardim do Éden
 Negra
 Negra à imagem e semelhança

de suas coxas escorre e goteja o sangue livre de tabus
 absorvido naturalmente pela relva

a Primeira Mulher observa, maravilhada, a vida ao redor
 ávida
 avista o também recém-nascido Primeiro Homem
 e, sorrindo, anda em direção a ele

este, imóvel
 paralisado diante de tamanha beleza que se aproxima

se olham
 se abraçam

ela não fala: sussurra
 ele não fala: geme

eles se cheiram
 eles se lambem
 dois corpos melados de saliva e suor
 magia libidinal inaugurando o Paraíso

não te contaram isso
 mas o primeiro orgasmo do mundo é dela
 que goza enlouquecida
 seus êxtases propagados pelo vento
 atraem corujas, felinos, serpentes

agora ela deseja montá-lo
 mas ele a impede

ela
 que também é feita de pó, sangue e bile
 reivindica igualdade
 pede que saia de cima dela e a deixe cavalgá-lo
 mas ele
 mesmo teso de tesão
 se recusa
 suplicante em seu não

ruptura

o Primeiro Homem não cede
 a Primeira Mulher não obedece

cai a noite
 ele está sozinho
 e ela
 cercada de Natureza
 se deseja
 toca a vulva
 úmida
 suspira lubrificamente
 todo o corpo espasmando

a tudo o Alfa ouve
 rígido
 ele ainda não sabe o que fazer das mãos...
 seu sono é perturbado pelo erotismo que atravessa as trevas
 e, ao despertar no sábado
 ele conhece a solidão originada por sua falsa supremacia:
 a Primeira Mulher o abandonou

ela
 que é Alfa, mas também é Ômega
 seguiu em direção ao Mar Vermelho
 levando consigo uma nova expressão do amor

ao renunciar o Paraíso para viver a própria liberdade
 ignorando apelos angelicais
 pois já transportava no ventre
 as sementes de sua primeira linhagem
 (mulheres que caminharão entre nós até o fim dos tempos)

multiplicadas e germinadas as sementes
 a divina transgressora fez da Lua a sua nova morada
 revelando-se sempre por apenas três noites
 àqueles que compreendem não se tratar da fase oculta da Lua
 e sim
 de sua face explícita
 pronta para nos preencher
 com aquilo que a Segunda Mulher não ofereceu:
 integração

o nome da Primeira Mulher
 a patriarcal escritura sagrada omite
 e enquanto os machos murmuram-no temerosos em pesadelos
 nós o bradamos com alegria:

LILITH!

MODALIDADE POESIA

3º LUGAR
ROGER LUIZ JERÔNIMO
 Bauru / SP

“CORPOS ESQUECIDOS”

Os muros são pintados de cicatriz
 a noite se enraíza na violência
 as sombras soterram a integridade
 e o medo veste o rosto da deslealdade
 a vida perde o dom da pertinência
 e a fome cava a terra até a raiz.

Crianças são forjadas na raiz
 escrevem seu destino em cicatriz
 caminham sem saber da pertinência
 aprendem nos punhos a violência
 olhando a falsidade e a deslealdade
 sem rastros de justiça ou integridade.

No tempo se dissolve a integridade
 e o crime se entranha como raiz
 o preço do poder: deslealdade
 no corpo o emblema sujo: cicatriz
 as leis são moldadas na violência
 sem lógica, sem ordem, sem pertinência.

Na rua, a morte grita com pertinência
 derruba o último traço de integridade
 um nome se perde em meio à violência
 sem lápide, sem rosto, sem raiz
 a pele se faz mapa de cicatriz
 às grades reforçam a deslealdade.

O tempo é cúmplice da deslealdade
 silencia os gritos com pertinência
 tatua nas paredes a cicatriz
 destrói qualquer vestígio de integridade
 sangrando até secar a última raiz
 alimentando o ciclo da violência.

Por fim, se eterniza a violência
 os rostos se perdem na deslealdade
 o sangue endurece sobre a raiz
 a dor se repete com pertinência
 enterrando os restos da integridade
 enquanto se propaga a cicatriz.

Se a violência apagou a integridade
 a raiz secou, e a cicatriz só sangra
 qual sonho resistirá à deslealdade?

PRÊMIO GALARDÃO
ANDRÉ BUENO KAIRES
 Tatuí / SP

“UTOPIA”

tenho sonhado
 com corpos sem
 rostos
 sem
 nome
 sem data
 sem nada...
 tenho sonhado com gente
 de alma vazia
 coração frio
 e de quando vez,
 caminham
 pela cidade invisível
 onde tudo está de
 partida
 tenho sonhado com
 corpos
 que não dançam
 tristes
 corpos vazios
 como as tardes de
 domingo
 e no entanto,
 desejo sonhar
 com corpos outros
 tempos
 em que
 a vida
 volte a ser
 um estado permanente de
 poesia

PRÊMIO GALARDÃO
ELAINE CRISTINA COELHO RODRIGUES
 Tatuí / SP

“TATUHY”

Tatuí do pouso dos tropeiros,
 do ouro branco do algodão
 e do progresso a galope

É no lombo dos muares,
 de légua em légua
 que se tornou grande

De roda, de pés e saias
 De espora, de enxada
 e traíás

Capital da música,
 Da catira, já foi fandango,
 já teve maragato e chimango,

Do Sul veio a tropeada...
 Do caboclo a violaafiada...
 Do índio o ofício de trabalhar a terra amada...

PRÊMIO GALARDÃO
RIAN ALMEIDA BARROS
 Tatuí / SP

“MEMÓRIA IMORTAL”

(Homenagem a escritora
 tatuiana Cristina Siqueira)

Um Livro que fala
 Fala versos
 Versos de Cistina
 Cristina Siqueira que fala

Escreve pessoas
 Ilustres pessoas
 Homens e Mulheres
 Que nascem, morrem... imortaliza

Mulher, poetisa
 Prisma, saudade
 Catálogo, memória...
 Livro, fala

Este tempo de agora
 Nada simples sem ritual
 Volto ao existir
 Na cidade das pessoas

Tatuí...
 Cidade Ternura...
 Vidas Tatuianas
 Na poesia de Cristina Siqueira



83ª SEMANA PAULO SETÚBAL

01/08 A 08/08

01/08

Cerimônia de Divulgação Vencedores Prêmio Literário Paulo Setúbal

Local: Teatro Procópio Ferreira - Rua São Bento, 415
Transmissão Canal do YouTube do Museu
19h

Apresentação: "Diário de um estúpido"

Duo Tchello Gasparini e André Fogaça
Marcelo Araújo Gasparini
Local: Produtora Machado - R. Martinho Machado, 22, Junqueira
19h30

Exposição: "Paulo Setúbal por Olhos Jovens"

Parceria entre Museu Histórico Paulo Setúbal e Escola Estadual Eunice Pereira de Camargo
Local: Complexo Cultural de Memória - MIS Tatuí e o Memorial do Rugby
Visitação até 31 de agosto
Terça a domingo
09h as 17h

02/08

Feira da troca do Livro e Jogos de Tabuleiro

Biblioteca Brigadeiro Jordão
Local: Praça da Matriz
10h às 12h

Feira de Artesanato "Capital da Música"

Associação Tatuiana de Artesãos
Local: Praça da Matriz
10h às 18h - 02 a 11/08

Música na Praça com o show

"Mel Moreira canta Elis" MHPS - 5º FAC
Merlize Moreira Souza
Local: Praça da Matriz
11h

Oficina de desenhos realistas - PNAB

Hicaro Ferreira
Local: CEU das Artes
13h e 15h

Espectáculo "O Abraço da Mulher Aranha"

Edital MHPS - 5º FAC
Pedro Couto
Local: CEU das Artes
18h

03/08

Tradição e Raiz - Cururueiros de Tatuí - LPG/23

Zacarias Camargo
Local: Feira do Mercado Praça Anita Costa
10h

Curso de Publicação de Livros 2ºed - PNAB

Flor Priscila
Local: Ceu das Artes
14h as 17h

6ª Mostra de Dança de Tatuí

Local: Teatro Procópio Ferreira/Conservatório de Tatuí
15h e 18h

04/08

Cerimônia de Divulgação Vencedores Prêmio Paulo Setúbal Artes Visuais

Tema: Inspirado na Poesia "A Sombra das Árvores" de Paulo Setúbal
Local: Teatro Procópio Ferreira - Rua São Bento, 415
Transmissão Canal do YouTube do Museu
19h

05/08

Abertura da Exposição: Tatuí em Escala - Edital JFP

Willian de Oliveira Lima
Local: Complexo Cultural de Memória - MIS Tatuí e o Memorial do Rugby
Visitação até 24 de agosto
Terça a domingo
09h as 17h

06/08

Cerimônia de Divulgação Vencedores Prêmio Paulo Setúbal Literatura

Tema: Centenário de Publicação da Obra "A Marquesa de Santos" de Paulo Setúbal
Local: Teatro Procópio Ferreira - Rua São Bento, 415
Transmissão Canal do YouTube do Museu
19h

Tradição e Raiz Cururueiros de Tatuí - LPG/23

Zacarias Camargo
Local: Feira da Lua Praça Ayrton Senna
19h

07/08

Quindim com Cantigas - Expressões Culturais Brasileiras - Edital MRL

Duo Saxofone e Piano
Erik Heimann Pais
Local: Fatec Tatuí
10h, 15h30 e 20h30

Projeto: "Jardim Literário: Plantando palavras e colhendo histórias" - LPG

Espaço Cultural Melody Music Arts
Jessé Jackson de Souza Ramos
Local: Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 601 - Centro
13h as 17h

08/08

Abertura da Exposição: Somos Todos "Livro de Rua" - Edital PNAB24

Cristina Siqueira
Local: Centro Cultural Municipal - Edifício Alvorada
Visitação até 29 de agosto
Segunda a sexta
09h as 17h